

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo- Setor de Publicações Ano VII nº 26- Janeiro/Fevereiro de 1998

SEMIBREVE

Sonho e Memória de Madre Cristina

Fui aluna de Madre Cristina na Faculdade Sedes Sapientiae. É uma longa história, a que me dá o privilégio de ter uma memória relacionada com o desejo de prestar homenagem a Madre Cristina. Recordando, trago *flashes* de situações relacionadas com esse desejo.

1964 - Eu, tão leiga, sonhei com a freira psicóloga. Vou conversar com ela. Encontro-a na clínica da R. Caio Prado, que ela fundou. Está cercada por montes de brinquedos que recebeu para equipar as salas de ludoterapia. *Sonhei com a senhora, Madre Cristina.* Ela me responde: *Ninguém sonha com os outros. Mas isso não é só meu, penso. Ando impressionada porque a senhora é freira.* Ela me pergunta: *Não foi com o seu lado de freira que você sonhou?*

Início dos anos 70 - As notícias a respeito das práticas de tortura nas prisões da ditadura são apagadas com tanto zelo, que até a revista *Time*, americana, foi apreendida. Tenho um exemplar da revista, em que há relatos de tortura e ainda outros que me são entregues pelos presos políticos no Presídio Tiradentes e que consigo contrabandear para fora. Entrego para a Madre Cristina, esses e outros. Ela sabe o que fazer.

Anos 80 - Venho dar aula no Curso de Psicodrama, no novo prédio do Instituto Sedes Sapientiae, na R. Ministro de Godoy. Sinto-me cidadã do mundo. Há espaço para todas as for-

mas de psicoterapia, que poderão conviver. Converso com a Madre Cristina. Ela me pergunta se, do meu ponto de vista, vai precisar conseguir tabladros para as salas de psicodrama. Penso que não. Chega um colega que discorda. Ela ouve os dois.

1994 - Encontro a Madre Cristina. Digo quem sou. Ela se lembra. Conto que sou novamente aluna do Sedes. Ela me pergunta *se vou virar psicanalista.* Não tenho uma resposta simples. Ela pergunta sorrindo: *Você quer dizer que você já é?*

1996 - Conto para a Madre Cristina que vou lançar meu livro sobre Sartre. Ela faz comentários sobre Sartre e Simone de Beauvoir. No fim da conversa, digo que pedi autorização para afixar convite para o lançamento. Ela diz: *Não precisa. Você é da casa.*

É uma honra ser desta casa e ter uma história com a Madre Cristina, nesta casa, que "não é fundamentalmente uma escola. Aqui é um espaço político para as pessoas que quiserem refletir e encontrar um novo modelo de sociedade"*. Madre Cristina é inseparável da história do Sedes e da nossa História.

* *Palavras de Madre Cristina em entrevista a Percorso, ano II - no. 4 - 1o. semestre de 1990.*

Camila Salles Gonçalves

Editorial

O Departamento está retomando suas atividades e o Boletim vem lembrar a todos os acontecimentos do segundo semestre de 1997.

A CCG faz um relatório de suas atividades; chamamos sua atenção para o esforço desta comissão para regularizar os estatutos do Departamento. Acima do trabalho, é sem dúvida uma iniciativa corajosa.

Maria Lúcia Meirelles e Renata Cromberg festejam com seus textos o lançamento de nosso primeiro livro. O resultado da entrevista com Alcmar confirma a importância deste espaço de conversa criado pelo Boletim.

Maria Laurinda de Souza trata com conhecimento de causa de um tema delicado e de difícil solução: a constituição de uma comissão de eventos. As reformulações da clínica do Sedes e seus desdobramentos estão relatados em primoroso texto de Maria Lúcia Calderoni. Temos também mais notícias do Sedes, da Percorso, do Grupo Espaço de Trabalho.

Ainda nesta edição os endereços de trabalho dos colegas do Departamento. No próximo número, com a sua colaboração, publicaremos a listagem, corrigida, e o e-mails dos colegas que tiverem interesse.

Bom trabalho a todos!

Internet

A partir do próximo número estaremos publicando os endereços dos membros do Departamento para correspondência via Internet. Aos interessados, enviem-nos seus e-mails.

A CCG está agora quase completa. Eleito representante do Setor Curso para integrá-la, Jairo Goldberg já compareceu à reunião do último dia 8 de dezembro. Mário Fuks também participou, como representante do Colegiado de Admissão, mas em caráter provisório, como já o fizera Renata Cromberg. Apesar de a participação desses dois membros do Colegiado ter sido favorável aos trabalhos, ainda é necessária a presença de um membro permanente na Comissão, que a complete e se dedique também a suas inúmeras tarefas.

Há muito por fazer. Nós, da atual CCG, ainda não tivemos condições de encaminhar efetivamente a regularização dos estatutos, embora venhamos estudando o verdadeiro calhamaço composto pelas inúmeras propostas que se sobrepuseram às de 1986. Somente agora foi marcada uma reunião com os coordenadores de seminários do Departamento (seminários fora do Curso), para fevereiro do próximo ano. Há que se formar um grupo ou comissão que substitua o extinto Setor de Eventos, convocar para tanto os membros interessados.

* A CCG teve que se haver com um erro de encaminhamento de pedido de pertinência e com a acolhida de demandas de discussão a respeito dos critérios de vigência do atual sistema de admissão de membros, tratando dessas questões em sua reunião com o Colegiado. Por ocasião desta, foi assunto prioritário o pedido de que se defina o representante para a CCG.

Foi encaminhada para todos os membros do Departamento a convocação, feita por Noemi Kohn e Renata Cromberg, para reunião com o objetivo de estudar as possibilidades de se formar um núcleo de membros do Departamento academicamente titulados (mestres e doutores) que, juntamente com outros, envolvidos com as mesmas pesquisas, possa pleitear patrocínio e bolsas junto a fundações e demais agências financiadoras. Ao que tudo indica, a exequibilidade de um projeto desse tipo também depende da definição estatutária do Departamento. A CCG participou do início da reunião que se realizou com um número significativo de interessados.

O lançamento do livro *Leituras de Freud* foi preparado juntamente com as

organizadoras, Sílvia Leonor Alonso e Ana Maria Siqueira Leal e resultou em evento que merece reportagem à parte. Lembremos apenas que a obra reúne textos dos quatorze professores do Departamento, que no ciclo de conferências, em 1995, expuseram suas leituras originais de artigos de Freud.

A CCG se fez representar por Maria Beatriz Costa Carvalho e Marise Bartolozzi Bastos no lançamento, no Instituto Sedes, do livro *Não Conte a Ninguém*, de Cecília Besserman Vianna.

Ao colocar ponto final na apresentação de inúmeras atribuições e atividades da CCG, não estou certa de ter feito os destaques mais adequados, nem o relato mais preciso. Não caberia uma reprodução de atas mas, ainda assim, é desejável que a informação seja suficientemente precisa. Mais uma vez, coloco-me à disposição dos colegas para acréscimos e correções.

Cumpra fazer ressoar agora a nota tocante deste final de ano, a morte de Madre Cristina, o campo de recordação e de gratidão que começa a se abrir diante de nós.

Camila Salles Gonçalves

Relatório da Tesouraria: de 07/02/97 a 28/08/97 Gestão 95/96

À Comissão Coordenadora Geral Gestão 97/98

1. Saldo em 07/02/97:

Aplicações:	R\$ 10.963,39
Dinheiro:	R\$ 271,68
Banco do Brasil:	R\$ 912,59
Total:	R\$ 12.148,66

2. Entradas e saídas:

Mês	Entradas	Saídas
Fevereiro	776,78	1.750,13
Março		283,00
Abril/ Maio	1.952,00	2.630,22
Junho	5.082,00	1.685,74
Julho	5.031,00	202,12
Agosto	850,00	1.865,31
TOTAL	R\$ 13.288,78	R\$ 8.416,52

Saldo: R\$ 4.852,26

3. Saldo em 28/08/97: R\$ 17.018,88
(R\$ 12.148,66 + R\$ 4.852,26)

3.1. Em 28/08/97 foram depositados R\$ 1.000,00 na nova conta do Departamento

3.2. Rose deve ao Departamento R\$ 697,00 (acerto em 15/09/97)

3.3. O saldo do Banco do Brasil é de R\$ 300,00.

3.4. Percurso deve R\$92,66 ao Departamento, ainda não incluído no saldo.

COMISSÃO COORDENADORA GERAL

Algumas questões nos parecem importantes, relativas ao trabalho da Tesouraria:

A. Os recursos do Departamento foram movimentados via conta bancária. Esses recursos não estavam na conta pessoal do tesoureiro. Este, a pedido da CCG emprestou seu nome para que se pudesse abrir uma conta bancária especificamente com esse fim: movimentar o dinheiro do Departamento. Assim foi na gestão anterior e nossa imaginação não nos proporcionou caminho melhor. Tornamos a abrir nova conta que foi devidamente encerrada no final da gestão. Todos os recursos foram transferidos para a nova conta da Percurso que se dispôs a emprestar, agora ela, para abrigar os recursos do Departamento.

B. A Secretaria que presta serviço ao Departamento responde hierarquicamente à Diretoria do Sedes. Pode parecer uma questão menor, mas na prática este fato se reveste da maior importância. Nossas solicitações,

tentativas de introduzir novas rotinas caíam muitas vezes no vazio e não tínhamos nenhum poder para fazer com que nossas solicitações fossem de fato colocadas em prática. Isso dificultou sobremaneira o controle de gastos.

C. Uma vez que o Departamento decidiu que a CCG deveria responder pelas finanças do Departamento, a Comissão tem-se encarregado disso via a escolha de um membro que responda especificamente por esse trabalho. Como resultado da experiência de dois anos, nossa conclusão é de que a movimentação e acesso à conta deve ser responsabilidade exclusiva da comissão ou de membros do Departamento que porventura se disponham a colaborar na gestão. Fica muito fácil usar os recursos se não se é chamado a responder pelo seu destino.

D. Do nosso ponto de vista é responsabilidade da comissão estabelecer a cada vez as prioridades no uso dos recursos do Departamento e fazer valer essas prioridades. Para nosso

gosto, houve na nossa gestão desperdício demais, despesas desnecessárias, mas pelas razões descritas no item 2 não pudemos evitá-las

E. Apesar das dificuldades a Comissão Coordenadora terminou sua gestão com o saldo positivo de R\$ 17.018,88. Acreditamos ser interessante rever o preço da anuidade; o controle rígido dos gastos torna possível fazer melhor uso da receita. Entregamos um caderno à nova CCG onde todas as entradas e saídas de dinheiro estão registradas, junto com os extratos bancários. Esse caderno pode ser consultado por qualquer membro do Departamento.

*Comissão Coordenadora Geral
Gestão 96/97
Eva Wongschowski,
respondendo pela Tesouraria*

INTERVALO DE ESCUTA

Sonhei que tínhamos contratado um analista para o Sedes / Departamento. Ele disse que a primeira coisa que deveríamos fazer era treinarmos rituais

de aprender a morrer.

Quando acordo me lembro que um psicanalista estrangeiro, quando esteve

no Departamento, dizia que uma instituição só poderia estar viva se pudesse morrer.

Ana Lúcia Panachão comunica seu novo endereço de consultório:

Rua Capote Valente, 1394
Telefone: 864 9276
CEP 05409 - 003

Maria Lucia de Moraes Borges Calderoni comunica o novo endereço de seu consultório:

Rua Borges Lagoa, 1053
Telefone: 572 8632
Vila Mariana

Anuncie

BOLETIM

R\$ 15,00 (quinze reais) por título

O Boletim convidou, para participarem da entrevista, em 17/07/97, Darcy Daccache e Leda Barone. Como confirmaram os resultados, esse tipo de convite torna a conversa mais animada e multiplica os pontos de vista sobre o temário abordado com o entrevistado.

Camila: Como você sabe, nosso projeto é entrevistar os coordenadores de seminários do Departamento que ocorrem fora do Curso. Por que, no seu caso, houve essa escolha de realizar atividade fora do contexto convencional?

Alcimar: Mesmo estando no Curso, eu tenho um jeito de tráfegar por várias outras esferas que estão no Departamento. De repente estou numa festa... inicia-se um diálogo que implica em atividade no Departamento. Para mim esse Departamento não é feito de coisas fechadas. Quanto mais se fecham as produções dentro do Departamento, mais se torna impossível que elas sigam adiante. Vamos tomar o exemplo da gravação dos seminários. Ela tem a ver com a produção grupal, em vários níveis do desenvolvimento do trabalho. A estrutura tem que ter sempre espaço para essa criação do novo. Talvez isso aponte para áreas do Departamento onde ninguém se sente ameaçado ao trazer inovações. Estas, num segundo momento, têm de ser alinhavadas, costuradas...

Lourdes: De que modo?

Alcimar: Acho que de um modo que tem a ver com as estruturas auto-organizativas, se pensamos na diferença estabelecida por Morin entre funções organizadora e organizativa em relação ao caos...

Camila: Ótimo. Eu estava ansiosa para ouvir você explicar essa diferença e para publicar o seu esclarecimento.

Alcimar: O que pode ser captado dessa potência do caos está no que Freud fala, em 1920, da pulsão de morte. Em *Além do princípio do prazer*, está a questão das intensidades. As neuroses traumáticas e o jogo infantil

já trazem essa questão. Freud fala do primeiro jogo auto-criado e da produção, da criação do simbólico. Não, de como circula o simbólico. Aí ele quebra o determinismo. Já está aí, talvez de modo latente, a produção do novo versus o auge do repetitivo mortífero.

Lourdes: Nesse sentido, qual é o seu modo de avaliar o movimento atual do Departamento?

Alcimar: O surgimento de grupos novos no Departamento, de pessoas que se aglomeram e que transformam; esse tipo de movimento é positivo.

Camila: Há um movimento de certas pulsões aí, um movimento de destruição do já demarcado?

Alcimar: Não acho que haja destruição e sim, uma mudança de formas. O que já havia vai ter que continuar se mexendo e ganhar formas. O que são as séries complementares no Freud? Levantar em conta a tradição e, no fundo, pegar o novo vivendo com a tradição e a criação. Filhos são frutos e criação. As séries complementares recuperam a tradição da cultura, que tem de ser articulada com as vivências infantis. Daí uma subjetividade nova. O criativo pode ser incorporado, alinhavado, não podado. No paradigma, quando se pensa que se organizou, não é mais.

Darcy: Não dá para ter uma mensuração, como na física newtoniana não dá para ter uma exatidão.

Alcimar: Sim, é o princípio da incerteza de Heisenberg. Esse, para mim, é um ponto mais básico.

Camila: Estou querendo ao mesmo tempo pensar no livro, nas teorias que o Alcimar desenvolve, e no Departamento de psicanálise. Como você começou a fazer seminário fora do curso tradicional?

Alcimar: Em princípio, as pessoas me procuraram. Acabaram o quarto ano e mal tinham começado a lidar com isso. O germen disso veio do Curso. Eu pensei: - Isso veio do Departamento, tem de encontrar um canal, para ver como essas conexões chegam ao De-

partamento. Correndo na rua em São José, tenho maior possibilidade de encontrar alguém para conversar sobre fractais, do que correndo na rua em Sapopemba.

Darcy: Essa conexão que você faz é fundamental.

Alcimar: Temos de ter uma visão complexa, que seria a articulação entre as disciplinas, seria a criação de uma transdisciplinariedade. Começaremos então essa articulação com a física, para chegar a determinado lugar. A mudança é essa: vamos ter de ter essa visão complexa. Segundo o princípio de Heisenberg, quanto mais você tenta dar precisão ao tempo, você perde o espaço em que andou. Então, a partir desse conceito, ao invés de tentar resolver, ele o cria como princípio da incerteza. Por mais que você queira ter precisão com relação ao tempo você perde precisão em relação ao espaço e vice-versa. Agora o princípio é a incerteza e o princípio determinista era exatamente o oposto: o princípio da certeza.

Darcy: Exatamente. Amplia a escuta e também faz perceber um universo mais amplo sem lugar determinado ou estático.

Alcimar: Sim, porque se você está numa clínica em que a grande ênfase seria o determinismo, você estaria mais ou menos no lugar em que Freud estava no "Homem dos Lobos" quando estava tentando precisar a cena primária (a tal hora, do dia tal, de tal jeito), porque tinha de dar uma precisão científica ao que estava acontecendo no momento e criar uma conexão com um pretérito, para dar valor de certeza. Quer dizer, a teoria é válida porque é comprovada. Essa era a preocupação de Freud em 1912, 13, 14, porque ele estava mergulhado num determinismo. Mas, com a sua genialidade, ele mergulhava e, ao mesmo tempo, já olhava em direção a outras situações que seriam essas indeterminações, essas incertezas, que ele vai conseguir postular com muito mais clareza em 1920, uns sete ou oito anos

depois. Porém, no campo da cultura, isso ainda é uma precocidade, porque o princípio da incerteza ainda virá em 1930. Então, quer dizer, mesmo achando que ele pudesse estar um pouco para trás, ele já estava muito à frente do que eram as questões científicas da época.

Camila: Mas a pergunta no caso, que ele quase já respondeu, seria a seguinte: como conectar essa teoria de Heisenberg com a nossa clínica atual? É essa a pergunta.

Lourdes: Sim, e você trouxe a idéia de desocupar lugares como condição de percepção.

Darcy: Isso; desocupar, porque o foco de uma supervisão evidentemente é o analista, e é você desocupar um lugar nesse tempo e nesse espaço. Depois, se você sai desse lugar, você já pode enxergar sob diferentes ângulos o mesmo caso.

Alcimar: Eu penso que é a questão do ponto cego que ela está tentando dizer.

Darcy: Então, mas é conectado com isso, com os novos paradigmas.

Alcimar: Com certeza é conectado, porque a questão seria, se você está cristalizado num lugar e não consegue escutar outras coisas, tudo o que chega do material provém do ponto cego...

Darcy: É assim que se fica num determinismo: isso vai dar nisso. Nem sempre é assim.

Alcimar: Isso. Você não escuta porque está cristalizado nessa situação. Na hora em que esse ponto cego é desmascarado, vamos dizer, numa supervisão, ou até por você mesma, ou enfim, se se desmascara para você mesma essa cristalização, o que acontece? Tudo isso vai se organizar de um outro jeito.

Darcy: Aí você pensa nos fractais, por exemplo.

Alcimar: Sim, aí também tem uma idéia que abre um caminho.

Darcy: Claro, abre para várias possibilidades.

Alcimar: Um cristal que rompe fractalizaria para muitas outras possibilidades.

Darcy: Amplia a sua escuta?

Alcimar: Amplia a escuta no sentido de que a supervisão, em primeiro lugar, não é para o caso (da forma que eu enxergo). Mesmo as supervisões em grupo no Sedes, a meu ver, são sempre para o analista e não para o caso. Tanto que para mim não interessa que leve escrito. Interessa mais que a pessoa fale sobre o caso.

Darcy: Eu achei muito interessante isso que nós conversamos outro dia: escreveu, cristaliza.

Alcimar: Já é uma certa forma de cristalização. Escreveu é letra morta, então você já perde um pouco...

Lourdes: Será que não poderíamos pensar na escrita como um segundo momento que justamente provoca esse movimento de reflexão, de uma auto-supervisão, vamos dizer? Um outro caminho também bastante interessante?

Alcimar: Acho que você até pode usar a escrita. Eu não sou radicalmente contra.

Darcy: Ah, uma auto, sim. Eu concordo absolutamente com você porque supervisão tem de ser uma coisa que brota. É onde aparecem os pontos cegos.

Alcimar: Eu acho que é um hábito. A gente não precisa sempre supervisionar com os outros. Eu acho que supervisão às vezes se pode fazer com a gente mesmo. Então talvez o hábito de escrever te faça a tua própria supervisão.

Darcy: É uma auto supervisão.

Camila: Agora, pegando um outro aspecto da clínica, você não acha que os clientes vêm com demandas obviamente cristalizadas, que freqüentemente dão essa impressão de que eles vêm do século XIX, porque eles vêm pedindo para que você descubra exatamente a causa daquele estado em que eles ficaram?

Alcimar: Eu acho que isso existe em certo nível. Mas isso é uma das questões nas quais eu penso muito: a mudança da clínica. Porque a clínica do século XIX que o Freud coloca, era muito aquela clínica, por exemplo, da mocinha que está no teatro, de repente

tem vontade de fazer xixi, ao invés de captar seu desejo sexual... Quer dizer, é muito aquela questão do recalque sexual que está em jogo. A clínica que começo a perceber agora, de uns dez anos para cá, é uma questão muito da psicossomática, quer dizer, é uma coisa muito pré-representacional, como por exemplo, um caso que levei outro dia para discussão. São situações em que se tem de criar muita coisa mas o bloco principal não está lá. Então, esse perfil que você traz eu acho que ainda existe, mas talvez dentro de um universo de clientes. Eu acho que, por exemplo, se você for começar a pegar um universo de saúde mental, começar a pegar universos mais amplos, você vai começar a detectar um lado corporal muito forte, de psicossomática mesmo. E aí está uma outra questão que para mim é muito importante: como teorizar a psicossomática dentro da psicanálise - porque muita gente a tinha deixado de fora. Quer dizer, como essas alterações que acontecem no soma (as úlceras, os cânceres, as alergias etc.) obviamente isso tudo é pré-representacional, assignificante. Isso tudo são, vamos dizer, intensidades que estão indo direto para o soma sem mediação representacional. É por isso que faz um ataque no real do corpo. Como isso numa análise vai ser trafegado? Eu acho que temos que começar a pensar esse conceito que, a meu ver, é o conceito mais importante que temos que começar a estudar em psicanálise: aquele de acontecimento.

Camila: Eu achei ótimo você ter dado esses esclarecimentos, mas eu me referia à expectativa - eu falei em demanda, ou qualquer coisa referente à queixa. Existe a expectativa do cliente de que você vá percorrer um caminho que permita a ele encontrar uma causa, um momento traumático. Eu estava pensando na situação de o cliente ainda ter uma expectativa de que o seu trabalho seja num modelo determinista.

Lourdes: A gente está numa época em que se busca remédios rápidos. As pessoas querem respostas imediatas.

Alcimar: Eu concordo. Porém, eu acredito que captei um pouco da tua pergunta num sentido assim: a psicanálise ficou muito impregnada na cultura. Então, obviamente, os clientes que chegam trazem embriões que estão colocados dentro de uma cultura e grande parte desses embriões ainda falam de uma psicanálise determinista, linear. A possibilidade de uma psicanálise não linear é uma coisa recente. Então, eu acredito que muitos vejam dessa forma que você está falando e vai depender de uma certa postura nossa como desmontar essa situação.

Porque isso é uma situação hollywoodiana; você vê nos filmes, eles têm aquela psicanáli-

se e vão chegar ao trauma. E quando chegam ao trauma, há a catarse e resolvem o problema. Atualmente eu penso que, quando um analisando chega, nós temos que levar em conta as intensidades que estão sendo produzidas. Com isso, temos que levar em conta o corpo.

Lourdes: Mas, no limite, isso que ela está colocando faz pensar também nas outras terapias: regressões etc; quer dizer, essa coisa de respostas rápidas, a impossibilidade de conviver com a complexidade, porque é isso que você procura resgatar todo o tempo. Talvez ela esteja falando em como isso está escapando da contemporaneidade, essa impossibilidade de conviver com essa complexidade toda, necessária para se estar nesse mundo de uma forma criativa. Não é isso, Camila?

Camila: Acho que sim, Lourdes. (Para Alcimar) Você não acha que com todas essas mudanças de paradigma e, portanto, de alterações no método e, portanto, de alterações na técnica psicanalítica, nós precisamos desenvolver uma nova habilidade para que o cliente não recue, espantado, diante da diferença entre o que ele imaginava e o caminho que nós seguimos?

Alcimar: Sim, eu acho que a gente

tem cada vez mais que aprimorar os instrumentos para que as análises fiquem cada vez mais rápidas e com menos sessões. Isso é uma exigência do mundo moderno, não nossa. É o que está acontecendo aí fora. Então se continuarmos acreditando que vão chegar aquelas pessoas (em geral tem algumas, mas não é mais o contexto) que vão ficar quatro vezes por semana, durante dez anos, isso vai ficar no museu da psicanálise. Quer dizer, as pessoas hoje têm demandas por uma análise mais rápida e mais eficaz. Elas exigem

isso. Eu não estou dizendo que é certo ou errado, mas detectando esse movimento na cultura. A psicanálise também tem, de uma certa

forma, de entrar dentro dessa cultura.

Lourdes: E como seria isso?

Alcimar: Isso é da ordem da escuta. Quanto mais o analista estiver capacitado para uma escuta que permita perceber os labirintos dessa situação, ou seja, como detectar as séries complementares do analisando e, num movimento dentro da sessão, que capte as repetições e possa também possibilitar o novo, mais ele consegue diminuir o tempo da análise, obviamente, sempre levando em conta a transferência... Eu acho que o analista é como um músico. Tem de ter bom ouvido. Vou relatar um fato que me aconteceu. Acerca de oito anos atrás eu dava supervisão no Hospital das Clínicas da USP. Os psicólogos chegavam e tentávamos enfatizar o pensamento psicanalítico.

Eles diziam: "Mas como podemos fazer qualquer coisa que tenha a ver com o pensamento psicanalítico se as pessoas não ficam nem um mês e nem dois? Muitas vezes temos apenas um contato com uma pessoa". Isso ficou na minha cabeça e então pensei que à vezes uma pessoa vê um filme com quinze anos e

lembra-se dele com setenta. Isso porque aquele filme modificou algo em sua vida. A pessoa foi tocada pelo filme. Então, se há apenas um contato, tem de ser um intenso e tem de mobilizar alguma coisa, mesmo que seja um único contato. É preciso desenvolver uma escuta para isso. Não adiantava ficar na lamúria de que o povo só estava ali por um mês ou por uma única vez. É preciso ter uma qualidade dentro dessa única vez. Então, a partir da intensidade desse momento, eu comecei a pensar nessa situação. Não interessa muito o tamanho da análise, do tempo que as pessoas vão ficar comigo em análise - se vão ficar um mês, dois, ou se vão ficar dez anos. Interessa é que naquele tempo em que elas ficarem, possam se organizar de um outro jeito. E eu vou tentar escutar o máximo possível do que eu posso escutar e tentar assinalar, porque, quando eu digo escutar, não é falar para elas. É poder fazer coisas muitas vezes sem palavras, mas que mudem as situações.

Lourdes: Um ato analítico, não é?

Alcimar: Isso, atos analíticos.

Darcy: Aliás, eu gostaria de fazer uma pergunta que tem a ver com aquilo que você falava de que as pessoas não estão querendo dar conta da angústia, então querem respostas. Eu acho que isso que o Alcimar está falando é uma coisa bastante diferente. É assim: mesmo em um contato, não é você dar uma resposta. É você poder transmitir alguma coisa para aquela pessoa que faça

com que ela mesma amplie o seu leque de perguntas. O que você pensa disso?

Alcimar:

Concordo. Eu acho que não é na linha de dar sentidos. Muitas vezes, pela sua escuta, você nem sabe onde você está dando o toque. Mas você tem instrumentos - você tem a sua análise, as suas supervisões, as teorias, a sua vida e é por isso que você se autoriza a dar certos toques, mesmo sem saber onde.

"Quanto mais o analista estiver capacitado para uma escuta que permita perceber os labirintos dessa situação, mais ele consegue diminuir o tempo da análise"

"se há apenas um contato, tem de ser um intenso e tem de mobilizar alguma coisa, mesmo que seja um único contato. É preciso desenvolver uma escuta para isso."

Lourdes: E aí o sentido se faz.

Alcimar: O sentido se faz para o sujeito.

Darcy: E isso junta com os fractais, não é? Porque aumenta o leque de perguntas.

Alcimar: Sim, aumenta esse leque de perguntas, mas ao mesmo tempo, eu acho que essa situação vai caminhar para a produção artística. Eu acho que agora você tem toda essa questão da forma da sessão, que é um aspecto muito mais do paradigma artístico, do paradigma musical, do paradigma da pintura, porque a situação vai ganhar uma forma lá dentro. Você vai dar uma pincelada diferente que vai fazer um re-arranjo de cores diferentes, com outras possibilidades de organização dentro daquela psique. E quem te autoriza a ficar dando essas pinceladas? É o que eu estava enfatizando antes. Quem autoriza é todo esse nosso trabalho de anos e anos nos analisando, analisando os outros, fazendo supervisão, fazendo grupo de estudos, que faz com que nós tenhamos uma escuta própria. É isso que eu digo que seria afinar as ferramentas, porque essas são as nossas ferramentas. Quem autoriza um cirurgião, num ato de emergência, a mudar a técnica e fazer uma incisão diferente? É porque ele tem anos e anos de história - não vou ser eu que vou sair lá furando, porque vou matar todo mundo. Então, não é uma coisa inconsequente. Nós estamos mergulhados nesse meio e podemos nos autorizar e ir um pouco mais além.

Leda: A gente sabe que existem teorias como a kleiniana, lacanian, enfim, diferentes correntes e clínicas diferentes também. Você pensa que vai aumentar a diferença entre as escolas, ou essas diferenças vão ficar mais amenizadas com a possibilidade de se ver a Psicanálise dentro de outro paradigma? Ou não tem nenhuma relação?

Alcimar: Bom, eu acho que as diferenças se organizam. Vamos dizer, se estamos dentro do pensamento psicanalítico freudiano, eu acredito que te-

nhamos a linha mestra do pensamento freudiano - que já não é tão linha assim, porque ela já é bem recortada - mas ela dá um certo eixo para a situação. Eu acredito que todos esses pensadores que vieram com a psicanálise, todos eles têm importância capital. Agora, o que eu acho complicado é quando fica dogmatizado. O próprio Freud está dogmatizado, quer dizer, não se pode mexer lá. Então ficaria completamente sem vida. Eu acho que o que dá vida às teorias é você poder fazer esse movimento de buscar em outro lugar. Por que eu fui buscar esses novos paradigmas para esse tipo de situação? A meu ver, eu comecei a perceber o próprio método freudiano, desenvolvido pelo próprio Freud. Comecei a perceber que ele tinha os casos e, de repente, para se exprimir de um jeito, ele buscava na literatura, de repente, buscava na biologia, de repente, na física. Por que as novas gerações não podem se utilizar desse método? Aí você tem que falar kleiniano, laciano, winnicottiano. Por que você tem que ficar preso ao que eles dão como linha mestra? Você perde o pulsar da cultura para ficar especialista.

Darcy: Freud tinha cultura ampla e fazia uso dela para expressar-se!

Alcimar: Exato.

Darcy: Sobre isso que você está falando, ele não foi buscar um pedacinho de um poema do Goethe que fala: "cinza é a teoria; verde, meu amigo, é a vida"?

Alcimar: A teoria, se ficar só na teoria, fica cinza.

Darcy: É morta.

Alcimar: Ela é morta. Por que eu acredito que estamos autorizados a ir criando as teorias? Porque cada caso que atendemos no consultório é um caso e não tem teoria que se encaixe naquele caso totalmente. Quer dizer, em cada caso tem de ter criação. Não tem a fórmula; senão, seria muito fácil.

Darcy: Nós somos artistas de um público de uma só pessoa, como diz meu amigo Leopoldo Nosek.

Alcimar: Aí é um paradigma estético. Você pode usar de todas as ciências, de todas as coisas, mas na hora II, quem vai ter de resolver é você. Porque, a meu ver, não dá para dar supervisão para um caso? Porque o caso já passou e se a pessoa usou naquele momento aquele recurso, foi o recurso possível para ela. Não adianta falar: por que você não falou isso? Não tem jeito de se saber como é, toda a complexidade que estava ocorrendo naquele momento e por que ela falou outra coisa. Então eu tenho que lidar com a outra coisa que ela falou e não com o que eu acho que deveria ter sido dito naquele momento. Não adianta eu chegar em frente de um quadro e dizer: porque aquela pincelada não saiu um pouco para lá? Não saiu porque o artista quis daquele jeito. A sessão também tem um nível parecido com esse. Agora, depois a gente pode repensar e ver: ele fez esse quadro e pode estar fazendo outro que pode sair até muito melhor. Mas aquele que está feito, está feito.

Camila: Eu estou aqui fazendo uma associação, porque eu estou especialmente interessada no tema da regressão. A palavra já surgiu aqui. Você falou em regressão, quadro e, é claro, me lembrou Leonardo Da Vinci e o estudo do Freud. No seu livro em determinado momento você fala de um paciente que tinha tido um câncer e você fala do momento em que ele entra em regressão. O que você acha da ocorrência da regressão em análise? Eu acho que a questão atualmente é importante, já que há um marketing de supostas terapias cujo objetivo é a regressão.

Lourdes: Isso inclusive aparece no consultório como demanda. Alguns pacientes perguntam: Você não faz regressão? Como se fosse o caminho mais curto.

Darcy: Como se ele já não estivesse regredido, não é?

Alcimar: A regressão é um conceito que quando Freud utilizou, ele também estava muito voltado para o determinismo: regredia-se a um ponto

e vamos ver que ponto é esse etc. Então tem todo um caldo determinista aí. Mas, ao mesmo tempo que tem o teor determinista, tem também um teor criativo que, a meu ver, é o seguinte: se se detecta numa sessão um ponto de regressão, pela escuta você percebe que ali está acontecendo um ponto de regressão, aquele ponto de regressão vai estar ligado a um outro conceito que é o de fixação. Quer dizer, fixou e regrediu: a partir daquele ponto de fixação-regressão, funciona de uma forma regredida em relação ao ponto em que se acredita que ele deveria estar. Mas, ao mesmo tempo, quando Freud vai conceituar as regressões e as fixações, ele diz: elas são negativas, mas também são muito positivas, porque quem não tem ponto de regressão nenhum, quando vive uma situação traumática, não tem para onde voltar.

Darcy: Então não tem onde breicar.

Alcimar: Não tem onde breicar.

Darcy: Nesse sentido essa fixação não pode até ser entendida como uma estruturação do eu, ou alguma coisa assim?

Alcimar: Uma organização. Uma fixação é uma forma de organização anterior e que, digamos, bem ou mal, é o jeito possível de funcionar. Então, a idéia não é acabar com todas as fixações. Eu acho que é como rearticular essa situação de uma forma diferente. E eu acho que volta para a nossa questão inicial, o departamento. Eu acho que é exatamente isso. O Departamento já tem toda uma história que, a meu ver, é fantástica. Estou totalmente entrosado com essa situação, todo esse trajeto do Departamento e acho que isso não tem de ser jogado fora. Muito pelo contrário. Essas são as nossas séries complementares. É daí que viemos e, se hoje estamos reunidos nesta sala, tem a ver com tudo isso. Então não tem de se jogar nada fora.

Darcy: Não jogar; quem sabe, acrescentar.

Alcimar: Claro! Acrescentar, mudar, transformar, enfim, fazer mil mudanças.

Darcy: Uma delas seria na clínica. Eu estava falando lá da articulação da teoria com o nosso trabalho; por que não o Departamento fazer toda uma articulação de os grupos de estudo voltarem também para uma clínica mais efetiva no Departamento do Sedes? Eu acho que isso é uma coisa que falta.

Alcimar: Sim, mas se esse for um movimento, é por aí que vai. Eu acho que é um desejo seu e isso é que é organizativo. Se começar por esse lado - a clínica - por que não a própria clínica ganhar essa situação e começar a reverberar de um outro jeito? Eu acho que esse é um aspecto. Então, voltando ao texto do Freud de 1917, nas *Conferências Introdutórias*, na 23ª conferência, quando ele vai postular as séries complementares, ele vai discutir a questão da herança. O que Freud pensava da herança? Eu acho que isso é importante para o Departamento, porque nós já temos uma herança, não o fundamos no ano passado. Então, ele diz que se não se levar em conta a herança, que consistência se vai ter? Quer dizer, alguns parágrafos adiante ele vai fazer uma metáfora de herança com riqueza. Isso é fundamental, porque acho que temos uma certa herança nietzschiana de que o que é do passado são forças reativas. E o que Freud tenta resgatar nas séries complementares é que elas têm riquezas também. Porque eu acho que toda a questão da contra-cultura que nós vivemos era uma coisa meio do "é proibido proibir", quer dizer, era uma coisa meio do deixa tudo para trás e vamos criar alguma coisa só de um criacionismo, sem levar em conta a tradição. Acho que o pensamento de Freud é uma balança entre tradição e criação. Ele não fica comprometido com muito peso em nenhum dos dois lados e eu acredito que o pensamento nietzschiano teve uma força nisso quando Nietzsche conceitua as forças ativas e as

forças reativas. A própria leitura de Deleuze faz encaixar a Psicanálise muitas vezes nas forças reativas e aí a Psicanálise perde muita potência. Agora, se a

gente conseguir um certo jeito de articular a tradição e a criação, você tem uma outra saída que

não vai ser a do ressentido. Porque senão, você fica na leitura das forças reativas e do ressentido, do nihilista.

Leda: Ressentido é ótimo!

Alcimar: Na releitura que Deleuze faz de Nietzsche, em *Nietzsche e a Filosofia*, ele vai tentar de uma certa forma encaixar a Psicanálise para esse reino onde a situação vai caindo no reativo, e o super-homem, digamos, seria o homem das levezas, o homem que não carrega peso nenhum, esse tipo de coisa. Agora, eu acho que a psicanálise postula uma outra coisa. Ela postula que o que vem da tradição pode ter um peso; mas há um certo jeito de tirar esse peso e transformá-lo em certa leveza.

Darcy: Eu acho que isso se faria assim: você tomando posse da sua herança, você mesmo fazendo uso dela.

Alcimar: E já fazendo dela uma criação e não ficar só na regressão.

Lourdes: Tirar partido.

Alcimar: Isso.

Lourdes: Eu queria pensar um pouco sobre tudo isso com relação ao Sedes - Departamento, sobre esse movimento que está havendo no Sedes de tomar o Departamento, reconhecer o Departamento, tentando inserir num todo as atividades que estão acontecendo no Instituto. Por exemplo, unificar secretarias, enfim, tentar fazer toda uma estrutura para essas atividades. Como você pensa isso enquanto possíveis desdobramentos para o nosso Departamento? Possibilitações, engessamentos?

Alcimar: Eu acho um pouquinho das duas coisas. E que tem de ser dada atenção para ambas. Agora, se a nossa história veio com tudo isso, eu acredito

que deva ter jeitos de conseguir fazer essas articulações que teriam um outro nível de complexidade. A gente estava falando de um primeiro nível de complexidade, agora estamos falando de um outro nível de complexidade que já seria o Departamento de Psicanálise dentro de uma outra situação. Se a gente for ver, daqui a pouco vai ter outra complexidade, o Sedes dentro da comunidade "psi", que não são só psicanalíticas, são mais amplas. Isso vai aumentando as complexidades. Como é toda essa relação com a comunidade, como são

todas essas relações com a saúde pública, até as relações com a Igreja. O Sedes é uma entidade católica. Quer dizer, então, há mil conexões que têm que ser feitas, sem perder a própria singularidade desse Departamento. Um conceito que eu acho interessante assinalar é o conceito de identificação e singularizações. Vamos dizer assim, como o Departamento de Psicanálise poderia se singularizar no meio de tudo isso? E ir mantendo essa singularidade. Eu acho que foi quando o Laplanche veio aqui que ele colocava uma certa bastardice do nosso curso - essa frase reverberou no Sedes - que o curso era bastardo. Hoje eu vejo essa situação mais até como uma coisa que tem a ver com uma certa riqueza. Porque o bastardo não é aquele que não tem pai, porque ninguém vive sem a função paterna. No próprio Édipo, estão a função paterna, a função materna. Quer dizer, como esse modelo que o Freud tenta trazer, que funcionou muito bem por muitos anos, porque no social parece que tinha toda uma reverberação. Como isso vai funcionar nesse final de século e no começo do próximo século? Há um filme a que eu assisti, *Slippers*, não sei se vocês assistiram, coloca uma questão muito interessante no contexto edípico. São uns meninos de 14, 15 anos que cometem um delito muito grave quando, por acaso, matam

uma pessoa; não por acaso, mas tem uma dose de acaso. Eles estão fazendo uma bagunça (o filme se passa nos Estados Unidos) e roubam algo num carrinho de cachorro quente; depois, voltam e roubam o carrinho inteiro. Quando estão correndo com o carrinho, este cai numa escadaria de metrô e mata uma pessoa. Eles não queriam matar essa pessoa, mas na bagunça que fizeram, acabam matando. Então eles

caem numa Febem de lá, onde são violentados pelos guardas, tem toda uma situação assim. Nesse momento o

que se passa? Quer dizer, aqueles quatro jovens vão enfrentar quatro vicissitudes na vida adulta. Um sai de lá e vai ser promotor; outro vai ser - não me lembro, mas enfim, vai ser alguma coisa assim, e dois vão ser bandidos da pesada. Estes dois últimos, um dia, anos e anos depois, encontram num restaurante um dos torturadores. Eles se levantam, dão um tiro e o matam. Como essa situação vai ser resolvida? O que era promotor vai fazer

todo um engodo para pegar o caso e para ser um péssimo promotor a fim de que os bandidos sejam absolvidos. Para conseguir isso eles precisam pegar um padre, que foi o padre da infância deles, e este padre tem que mentir. Esse filme foi muito paradigmático para o que acontece nos Estados Unidos e eu acho que toda essa situação do judiciário que não dá conta, como um nome do pai do Estado não está dando conta, então o que acontece? Começa a se criar uma moral dos sub-grupos. Quer dizer, o padre mentindo, realmente a gente fica até do lado dele. Mas o que acontece? Ele também está desarticulado da Igreja que fala para não mentir, do estado que fala para não sei o quê. Então que tipo de moral é essa que está acontecendo nesse momento? Dá

para ter algo mais fechado ou é algo dos pequenos grupos?

Lourdes: Será que não é uma moral que procura estar mais próxima da vida? Porque essas instituições que você cita são instituições que notoriamente se descolaram de movimentos vitais.

Alcimar: Como nós estamos no meio desse caldeirão, eu não sei a resposta. É uma outra questão que pode ir para vários lados, é por isso que entra de novo o acaso: não sabemos como isso vai reverberar no ano dois mil. Mas o que estamos vendo, e o que eu escuto de amigos que moram nos Estados Unidos, está apontando em direção à lei do bairro, das gangues. Também aqui no Brasil, o narcotráfico, os meninos de rua, os crimes familiares levam a grandes cisões. Agora se é bom ou mal, eu não sei - é o que está aí. Agora, se voltamos ao tempo em que Freud conceituou o Édipo, era muito mais fácil ver como aquilo estava funcionando. Quer dizer, a complexidade era muito menor e mesmo assim era muito difícil porque já havia mil e um fatores.

Mas hoje tem milhares de fatores. Então, com tudo isso, como vamos pensar essas questões edípicas?

Porque tudo isso passa por essas funções. Eu acho que é preciso juntar tudo e trazer para nós porque também somos frutos disso. Como nós entramos no meio disso? Com uma função paterna, de um jeito diferente. O jeito que o Sedes foi se construindo, o curso de Psicanálise lá dentro. São coisas que temos que começar a pensar como se encaixam. Agora, com todas essas séries complementares que são interessantíssimas, ótimas, positivas, e também com muitas coisas complicadas, mortíferas e terríveis, nós estamos aqui, não é? Vivos e podendo pulsar. Então eu acho que trouxemos uma herança razoável que está dando para não termos

"há mil conexões que têm que ser feitas, sem perder a própria singularidade desse Departamento"

"quando o Laplanche veio aqui que ele colocava uma certa bastardice do nosso curso. Hoje eu vejo essa situação mais até como uma coisa que tem a ver com uma certa riqueza. Porque o bastardo não é aquele que não tem pai"

abortado e que tenhamos 20 anos. Têm muitas coisas interessantes nesse Departamento.

Leda: Estamos num momento de reflexão que é muito importante.

Camila: Já que nós falamos das gangues, das turmas e eu penso nas hordas, como você pensa nas relações do nosso Departamento com outros grupos ou outras instituições que existem por aí?

Alcimar: Eu iria até um pouco mais além. Vamos dizer, o que esse Departamento, esse Sedes, tem de fazer para cada vez mais alargar a trama das relações com todas essas turmas e todas as outras turmas a descobrir em outros meios? Novamente, é a integração na cultura. Atualmente uma das coisas de que o pessoal se queixa muito são as crises no

mercado "psi". E isso não é uma coisa diante da qual se possa mais ficar passivo; vai ser necessário que se tenha estratégias muito ativas para entrar nessa competitividade. Isso não é privilégio da Psicanálise. Isso está acontecendo nesse mundo globalizado. Então, o que me surpreendeu - eu estive em Madrid agora no final de Maio - ao entrar no Metrô, vi propagandas imensas da Psicanálise ("Psicanálise", "Procura de psicanalistas" etc). Algo diferente estava acontecendo ali. Quer dizer, vocês sabem que em todas as capitais europeias todo mundo anda no metrô, então a propaganda atinge todas as classes. Mas, assim, com letras garrafais? Um dos cartazes pegava uma parede inteira: "Psychoanalysis".

Lourdes: Quais eram os outros dizeres?

Alcimar: Era algo como "Becas para mejorar su calidad de vida".

Darcy: O que são becas?

Alcimar: A meu ver são metas, objetivos, ajuda, pelo menos é essa a captação que eu fiz.

Camila: Você sabe, um mês antes eu estive em Salamanca no I Congresso Ibero Americano de Psicodrama.

Quer dizer, a Espanha está mergulhada num movimento de incrementar a atividade psi.

Darcy: Ou de mostrar a própria cara. Eu acho que a principal coisa para a Psicanálise no âmbito social é mostrar a própria cara. As pessoas saberem o que é a Psicanálise.

Darcy: Quando você (Camila ou Lourdes) fez aquela pergunta sobre a regressão, evidentemente você estava falando de um outro tipo de regressão. Mas essas outras "técnicas" que existem por aí, que dão respostas mesmo (regressão a vidas passadas) pegam

"O que esse Departamento, esse Sedes, tem de fazer para cada vez mais alargar a trama das relações com todas essas turmas e todas as outras turmas a descobrir em outros meios? Novamente, é a integração na cultura. E isso não é uma coisa diante da qual se possa mais ficar passivo"

muita gente desavisada porque elas se propõem - voltando agora também a pensar na ética, no que seja isso - a dar respostas. Se não tem resposta aqui, elas dão respostas do que aconteceu com você em vidas passadas!

Alcimar: Fugindo da própria vida, para buscar numa outra vida!

Darcy: Exatamente! Mas eles concretizam uma coisa que eu acho que é subjetiva, porque evidentemente você vai buscar a "síntese" da sua vida em coisas da sua vida passada. Eu acho que isso deveria ser mais divulgado na mídia, porque as pessoas não sabem direito o que é psicanálise.

Alcimar: Sim, como a Psicanálise pode entrar na mídia, entrar nessas conexões todas. Eu acho isso fundamental.

Darcy: Sim, porque as pessoas muitas vezes dizem: mas, o que é a Psicanálise? Você dá receita? Você dá remédio? O que é psiquiatra, o que é psicólogo, o que é psicanalista?

Lourdes: Agora, isso seria um papel importante da instituição, não? Manifestar-se ativamente no âmbito do social, do público, nos meios de comunicação.

Alcimar: Sim, da instituição. E o Sedes sempre teve esse lado, enquanto teve uma atuação política em determinados momentos da história.

Lourdes: E nesse aspecto, quando ele perdeu a função do contestador, de abrigar quem estava fora, ele perdeu o mote.

Alcimar: Isso. Outra vez, voltando a esse país que nós estamos pegando como paradigma, a Espanha, onde eu me senti muito à vontade. Ao sair na rua entregavam-me todas as propagandas políticas. Então, eu peguei muito panfleto e discutia com o pessoal o que estava acontecendo. Eu consegui extrair dos panfletos três coisas que os espanhóis querem no dia de hoje: democracia, solidariedade e emprego. Isso é o que você extrai da situação, para dar uma estabilidade

para o povo. Nós também queremos isso, eu acho que não é uma coisa que foge do nosso ideal. Há a questão do emprego: como todo mundo que é do meio psi tem de ter condições dentro desse universo de poder ter instrumentos para modificar o social, para trabalhar e também para ganhar dinheiro. Porque eu acho que também no Sedes outra coisa que era meio pecaminosa era essa coisa do ganhar dinheiro.

Lourdes: Há nos últimos anos no Sedes um esvaziamento grande. Talvez possamos pensar que é inclusive por conta dessa Instituição não estar promovendo, na mídia, nem a si, nem aquele profissional que ali está ativo, participante.

Alcimar: Sim, na mídia e até, vamos dizer, entrando nas estruturas que estão hoje dentro do social; as instituições públicas estão perdendo espaço, mas as outras instituições, particulares, estão ganhando espaço. Então o Sedes também tem de criar um profissional que vá às escolas particulares, que vá aos consultórios, enfim, a todos os lugares que fazem parte das produções da cultura. Como o pensamento "psi" que

nós produzimos lá tem alcance nessa malha? Por exemplo, vamos considerar uma coisa: fala-se de convênios médicos que é um assunto que está em polêmica. Nós não podemos ficar de fora disso, temos de nos posicionar, temos de ver o que é isso. Quer dizer, se tem grupos que estão ganhando dinheiro, bom, é a realidade de hoje. Então, tem de ter um posicionamento da instituição. Não é só ir para trás e não entrar na polêmica, porque o mundo mudou, quer dizer, após a queda do Muro de Berlim, é outra situação que está em jogo e se percebe que agora não existem mais os grandes ideais; agora são muitos pequenos ideais. Isso dá uma mudança de organização político-social muito grande. Quer dizer, o Sedes perdeu a bandeira.

Camila: Eu sou membro da coordenação da Comissão Coordenadora Geral, recém empossada. Eu gostaria que fosse "comissão coordenativa", a partir do que nós conversamos. Nesse sentido de comunicação, de presença na mídia, como poderíamos ir nos coordenando?

Alcimar: A respeito das questões do setor psi, eu acho que deveríamos ter alguma acessoria. Eu também tenho muito pouca experiência, porque sei apenas como a mídia funciona em determinados momentos. Quando eu estava envolvido num caso que teve repercussão nacional, os repórteres telefonavam vinte e quatro horas por dia, mas o interesse era deles. E aí, ao contrário, você foge deles. Agora, na hora em que você quer, pausadamente, encaixar as coisas, aí eles também não querem. Aí você corre atrás e ninguém quer. Então eu acho que criar alguns canais, vamos dizer, talvez uma complexidade, já que estamos falando de complexidade, criar alguns jeitos de termos acesso a alguns jornalistas de

diversos jornais e começarmos a conversar com eles, fazer uma integração.

Leda: Isso pode ser feito através da própria revista do Departamento, que publique artigos menos teóricos, que faça uma comunicação mais fácil com o leitor.

Alcimar: Acho que isso é um outro lado, quer dizer, se for um objetivo alargar o espectro.

Leda: Uma análise mais articulada ou fazer um diálogo com outras questões culturais.

Alcimar: Mas eu acho que isso que você está falando vai um pouco mais longe. Eu acho que a psicanálise durante muito tempo tentou ser aquele ouro puro e ficava, vamos dizer, ensimesmada. Mas, o paradigma mudou e agora todos os conhecimentos estão se trançando, porque isso não acontece só com a psicanálise; o biólogo, o químico, o jornalista também estão vivendo isso. Então, a Psicanálise vai ter de transitar por todos os saberes mas, ao

"o paradigma mudou e agora todos os conhecimentos estão se trançando, porque isso não acontece só com a psicanálise; o biólogo, o químico, o jornalista também estão vivendo isso. Então, a Psicanálise vai ter de transitar por todos os saberes mas, ao mesmo tempo, sem perder a sua especificidade"

mesmo tempo, sem perder a sua especificidade. Porque o risco que isso traz é de repente misturar tanto, e cadê? Eu acho que aí o pilar freudiano tem de estar assegura-

do mas tem de criar demanda para que um biólogo, um físico também tenham interesse para saber o que é a Psicanálise. E pela minha escuta, eles têm grande interesse. Mas tem de chegar a eles de uma forma mais palatável.

Leda: É, tem que chegar de uma outra forma, sem perder aquilo que é característico da Psicanálise.

Camila: Correr não é contra indicado para a especificidade? É palatável?

Alcimar: Bom, aí é uma coisa pessoal. Por exemplo, a corrida te traz muito bem estar e te abre certos canais, o que é completamente diferente de você estar conversando parado. Então,

por exemplo, se você for fazer um gancho com a própria biologia, quando você está correndo mais do que sete ou oito km, você tem uma descarga de endorfina e aquilo te dá um bem estar, você se sente muito bem. Se naquele momento, você está discutindo uma teoria em que você estava entrando, de que você gosta, o que você faz, aquilo também reverbera de outro jeito. Aquilo cria um outro canal. Agora, eu acho que isso tem de ter um primeiro e um segundo tempo. Num segundo tempo você tem de colocar aquilo no papel, porque senão desaparece.

Camila: Como aquilo reverbera na escrivinha?

Alcimar: Agora eu estou pensando numa outra situação: como eu conseguir discutir com um físico. Por incrível que pareça, o físico não entendia nada de psicanálise e também discutíamos coisas ligadas à psicanálise. Eu não sou nenhum físico, tenho a minha formação em Física da faculdade de medicina, como auto-didata. Assim, eu teria de mastigar os conceitos dele e ele teria de mastigar os meus para chegarmos a um meio termo de troca nesse tipo de conversa informal. E comecei a perceber que é possível e é um outro jeito de ter uma produção. Mas isso também não exclui a escrivinha; a escrivinha é um segundo momento. Mas mesmo assim você aproveita. É uma outra coisa, aproveitando a metáfora da corrida, eu acho que é como introduzir agradavelmente a descoberta teórica no cotidiano. Vocês nunca tiveram a experiência de estar conversando sobre qualquer assunto e, de repente, estar conversando sobre psicanálise, alguém chega e fala: mas hoje é domingo e vocês estão conversando sobre isso? Eu estou na maior curtição conversando, não estou na lamúria e as pessoas quando vêem que você está conversando sobre alguma coisa que aparentemente, na cabeça delas, é alguma coisa teórica, acham que é sofrimento, acham que não é próprio de um final de semana! Quer dizer, é com essa

desintegração que você perde muitas oportunidades de juntar com a vida. Esse final de semana eu tive uma experiência interessante. Eu estou tentando escrever um artigo para a *Percurso*, para esse número dos 20 anos, e eu fui para Parati com um finlandês que está hospedado em minha casa, em intercâmbio com meu filho. Quando eu cheguei lá, comecei a ter idéias e pensei que se pegasse uma caneta naquele momento sairia outra coisa que não sairia em São José; o lugar em que você está faz com que você produza uma coisa diferente do que você produziria em outro lugar.

Lourdes: No dia em que você apresentou aquele caso clínico no Espaço de Trabalho, chamou a atenção sua disponibilidade de estar transitando pelas mais diferentes observações que eram feitas.

Alcimar: Para mim isso foi uma coisa fundamental! Depois eu até estava conversando com a Cleusa e falei: a experiência foi maravilhosa, porque devia ter umas quarenta pessoas e a Cleusa até usou a expressão: você teve o privilégio de ter uma "supervisão pública". E eu disse: foi exatamente isso! Porque quarenta e três pessoas - e quarenta e três pessoas que são analistas - e todos bem intencionados. Então, quer dizer, o que eu recebi de influxo que foi para todo lado - a própria coisa que você falou, do sangue, eu achei ótima. Então, o que reverberou já do caso para mim foi excelente.

Lourdes: O teu posicionamento permite isso. Todos estavam muito à vontade.

Alcimar: Olha, eu acredito que sim, porque eu procuro me jogar nessa contratransferência o máximo possível e a gente percebe que, como é um campo muito minado, um campo muito complicado, é exatamente nessa hora que alguém pode te dar alguma coisa que vai enriquecer a tua malha, as tuas conexões. Eu acredito que é um privilégio você poder receber alguma coisa que não

está na tua malha. Quer dizer, não é toda hora que você tem isso. Então é por isso que eu acho que isso se passou e fico contente.

Lourdes: Você ia ficando mais animado.

Darcy: Claro, e fazer uso dessa contratransferência, quer dizer, sentir a emoção e apropriar-se dela.

Alcimar: Porque eu não vejo, por exemplo, o ponto cego como erro.

Lourdes: No teu livro também, no relato dos casos clínicos, é interessante a forma como você insiste naquilo que te escapa.

Alcimar: Eu acho até interessante você poder recuperar isso, por exemplo, o ponto cego como fator de produção e de potência, e não como se o analista tivesse errado e tivesse de fazer diferente.

Lourdes: Encontro e produção, não é?

Alcimar: É, produção e criação. Agora, essa experiência que eu tive nesse grupo eu achei maravilhosa. Eu adoraria

assistir mais disso, ver como as pessoas se expressam.

Camila: Nunca pude ir às discussões desse grupo. Há apenas discussões clínicas?

Alcimar: Eu já fui a algumas, em que o pessoal estava começando a levar alguma teoria. Eu acho que não deve ir muito por aí; deve ser um espaço clínico. Há que se ter também um para a te-

"eu procuro me jogar nessa contratransferência o máximo possível e a gente percebe que, é exatamente nessa hora que alguém pode te dar alguma coisa que vai enriquecer a tua malha, as tuas conexões"

oria, mas em outro lugar. Eu gostei dessa palavra que a Cleusa criou, supervisão pública, porque mexe, é uma coisa que reverbera.

Lourdes: As pessoas presentes estavam bastante mobilizadas.

Alcimar: Você sentiu isso também? Porque o ambiente é acolhedor, falando do lado de quem foi. Aquela platéia é ótima. Ninguém está ali para criticar. Você sente que as pessoas falam, mas você sente no olhar, no jeito, que elas estão bem intencionadas, que elas estão querendo colaborar, que é o lado de cá. Eu acho que tem as duas coisas: deve ter quem queira apresentar e tem platéia. Esse não é o ritmo do Departamento? Esse Departamento tem muitas qualidades, muita vitalidade, muita coisa interessante. E algum movimento está começando a se impor porque a Leda também teve o mesmo tipo de experiência quando foi apresentar o caso dela.

Lourdes: Esse grupo que está sendo bastante produtivo foi constituído

fora das estruturas do Departamento e seus setores. Outros grupos tentaram se formar assim e esbarraram em requisitos que correspondem a

essa mesma estrutura. Qual seria o papel da CCG nesse caso do Espaço de Trabalho, por exemplo?

Alcimar: Como você falou, esse grupo (Espaço de Trabalho) surgiu meio ao acaso, chegaram lá, se organizaram e, do jeito que eles fizeram, está podendo acontecer isso. Então, vamos dizer, é hora da Comissão Coordenadora Geral chegar e orquestrar uma integração. Melhorar o jeito de chegar nas pessoas, colocar como um espaço que é produtivo, fazer outras coisas. A Comissão aí tem um alcance, mas não exatamente porque fez o espaço e sim como vai produzir a integração.

Darcy: Sobre o que a Lourdes captou na hora ouvindo você apresentar o caso, e que é similar ao que eu diria, me parece que você concordou imediatamente. Você já tinha percebido assim?

Alcimar: Eu acho que são duas coisas: essa captação que vocês fizeram na hora é algo que depois que ela falou, aparentemente, é óbvio. Mas não é; porque, se no circuito de quem está lidando com o caso, não tem a conexão, então não passa. Depois que você fala, fica muito claro, mas precisou passar por esse movimento. É isso que eu acho fundamental na nossa profissão, porque precisa ter esse ouvitor fora também do ouvido da gente, porque senão você fica dentro de um universo fechado, das suas coisas; e quando o outro bombardeia, desmonta e aparecem outras coisas. Eu acho que isso é importante, e quem está de fora e capta, como a gente quando está no papel de supervisor: mas você não captou isso? Às vezes não captou e tem que ter gente para falar. E olha que apareceu muitas coisas! Eu acho que até

agora está reverberando na minha cabeça o que se passou lá e eu senti no caso que mudou o meu lugar fundamentalmente. Teve uma mudança muito grande. Então funcionou muito bem. Eu até penso talvez em escrever alguma coisa pequena sobre o que foi essa experiência de "supervisão pública".

Camila: Acho importantíssimo comentar a situação de supervisão pública, também pelo fato da formação, no nosso Curso, ter três anos de supervisão em grupo.

Alcimar: Sim. Essa situação dentro dessa própria apresentação que eu fiz, é uma coisa que ao mesmo tempo eu já tenho uma idéia de uma certa concepção do caso, mas ao mesmo tempo está tudo em movimento, está tudo andando e há um jeito que você tem de ir meio desarmado, mais à vontade, porque se-

não você não pega aquilo que ainda é incipiente, que ainda é precário.

Lourdes: E lidar com o precário faz parte do nosso dia a dia.

Alcimar: Eu acho que nisso nós temos tarimba, estamos todo dia mexendo com isso.

Camila: Bom, eu acho que essa conversa é estimulante de forma que fica difícil pontuar. Vocês têm mais alguma questão?

Alcimar: Ela pontua, mas puxa as outras.

Camila: Acho que essa entrevista também é assim.

LANÇAMENTOS

Freud: Um Ciclo de Leituras I

Quando recebi o convite para escrever, através das páginas do *Boletim*, a respeito do evento de lançamento da primeira publicação em livro do nosso Departamento, *Freud: um ciclo de leituras*, confesso que fiquei muito contente, mas ao mesmo tempo fui tomada de uma certa nostalgia, talvez contaminada por tantas comemorações: o Sedes fazendo vinte anos, a revista *Percurso* quase dez e nesta brincadeira toda, eu estou aqui há dezenove anos.

Conhecendo nossas características e dificuldades, parece-me fundamental destacar o caráter de desafio que a conclusão de um evento como este nos remete: é muito trabalho... e dá muito trabalho... Não sabemos fazer essas coisas, mas fazemos, e dão certo. De onde vem tanta força?

Em abril de 83, Hélio Pellegrino dizia no *Folhetim*, que a "obra de Freud

é, obviamente, o texto princeps, o monumento científico a ser estudado, meditado e perlaborado. Sem Freud, não há psicanálise. Os argumentos pelos quais se tenta dizer que a obra freudiana se encontra superada, são artefatos ideológicos destinados a recuperar a psicanálise, tirando-lhe a mordência revolucionária e a dimensão transgressiva - epistemológica que constitui sua originalidade radical".

Creio que a marca que distingue este grupo é esta mordência transgressora. Pela primeira vez a "prata da casa" se reuniu durante o ano inteiro para dizer a que veio. Foram leituras e mais leituras escolhidas a partir de um olhar renovado, em que se reuniram mais de mil pessoas em torno da tarefa de compartilhar uma experiência. E claro que não se pretendia esgotar em algumas noites, a produção freudiana de quase meio século. Nem tampouco sugeria a crença

de que ler Freud seria ir contra Freud.

O subtítulo das conferências, *ciclo de leituras*, que originou também o livro, creio que aponta simplesmente para um velho ditado: "não fazemos nossas roupas no mesmo alfaiate". Ciclo quer dizer um período, que tanto se aplica aos textos freudianos quanto enfatiza um tempo de produção, de uma construção ciclópica, de um grupo de psicanalistas do Sedes, em São Paulo.

Neste sentido, o lançamento do "livro primeiro", grandioso trabalho da Ana Leal e Silvia Alonso, foi a conclusão de um evento, com começo e fim, em meio a um reencontro entre colegas, amigos e desconhecidos, ao som de uma respiração ofegante de Anna Freud e das imagens do velho Freud. Agora temos além do *Boletim* e de *Percurso*, outra produção da casa a consultar. O resto, vamos deixar fazendo história.

Marilúcia Melo Meireles de Alencar

Quando, no início do evento de lançamento do livro *Freud: um ciclo de leituras*, o vídeo que iria trazer momentos da etapa final da vida de Freud falhou, pudemos assistir, surpresos e intrigados, alguns segundos de um jogo de futebol que passava na TV. A voz de Anna Freud, mesclada com o locutor de futebol, que interlocução mais insólita! E, no entanto, ela deu um toque de pertinência tão vivo, uma presentificação de Freud, num momento de exílio, num momento de aflita desterritorialização. Viena - Paris rumo a Londres - Londres, e de repente Brasil, para lançamento do livro e uma partidinha de futebol?

O filme, singelo e comovente, que, como alguém disse, mostrava, afinal, momentos de uma típica família judaica, foi uma escolha excelente para apresentação

do fruto do evento "Leituras de Freud" realizado durante o ano de 1995.

Depois, a festa. Deveríamos sempre lembrar como fica sempre uma festa de confraternização e encontro alegre entre inúmeras pessoas, uma verdadeira multidão, quando se produz criativamente na instituição. Foi assim no lançamento da *Percurso*, há dez anos e também no lançamento do livro, em outubro de 1997, que esgotou rapidamente, na venda de seus primeiros 500 exemplares, tendo-se ido buscar mais exemplares na mesma hora. A festa, regada a vinho e salgadinhos, o ciclo de conferências e a produção do livro dão expressão à produção que vem sendo feita no Departamento de Psicanálise, assim como o livro dá expressão à produção pessoal de cada professor que, na época, fazia suas pesquisas para o

curso em conexão com suas questões como analistas. Mais uma vez, gostaria de agradecer o árduo e maravilhoso trabalho de Silvia e Anna e de todos que as auxiliaram, e dizer, como o disse por ocasião da minha fala no ciclo, que quem empresta seu espaço psíquico e mental para tecer diretrizes que favoreçam um caminho institucional vitalizado fazendo germinar a idéia do evento e do livro, o faz por um ato de amor. E como este ato cria um espaço afetivo de acolhimento grande, no próximo evento deste porte, poderia se pensar num espaço físico que fosse maior, para que as pessoas ficassem menos apertadas.

Renata Udler Cromberg

PONTO DE VISTA

Eventos - Algumas questões

Heitor de Macedo esteve, em agosto, no Sedes, a convite do Departamento de Psicanálise e do Departamento de Psicanálise da Criança, para uma conferência cujo tema foi "A importância do meio ambiente na constituição do sujeito" e para um encontro com o grupo de professores do curso de Psicanálise, do curso de Psicanálise da Criança e com os membros do Setor Grupo de Estudos.

Organizar um evento sem que houvesse um grupo específico que funcionasse como retaguarda, colocou-me algumas questões com relação à necessidade de um Setor de Eventos. Gostaria de partilhar essa experiência e que ela pudesse ser rediscutida pelo Departamento em outro momento.

O fato de não termos mais um Setor de Eventos pode apresentar aspectos favoráveis sendo mais claramente perceptível o

de que qualquer membro do Departamento pode se mobilizar e investir na organização de diferentes atividades, o que implica a todos numa política de circulação e divulgação de idéias pertinentes ao campo psicanalítico. Isto poderia ter como efeito a instalação de um espaço permanente de discussões científicas onde, com certeza, a diversidade se faria presente. Mas, como ficaria a sustentação daquilo que seria pertinente em termos de uma política de Eventos, própria do nosso Departamento? A Comissão Coordenadora Geral tem condições efetivas de assumir esse papel?

Outra questão é que se não há um grupo envolvido na tarefa, ela se torna extremamente trabalhosa e solitária correndo o risco de produzir efeitos desgastantes, intolerâncias com as diferenças (que se manifestam em queixas com relação aos re-

sultados, à forma de organização, às escolhas temáticas...) e enfraquecimento de gestos espontâneos que poderiam ser criativos e partilháveis pelo coletivo.

Que este evento tenha sido uma organização conjunta com outro Departamento amenizou algumas das dificuldades apontadas. Foi significativo que neste ano em que se comemoram os 20 anos do Sedes, pudéssemos fazer parceria com um grupo com o qual partilhamos o interesse pela Psicanálise e com quem mantemos relações de afeto. Afinal, estar no Sedes, implica-nos, por princípio, com um investimento nos espaços coletivos. Isto nos coloca frente a outras questões: que parcerias podem ser viabilizadas, como e para que?

Maria Laurinda R. Souza

No dia 28/08/1997 o Conselho Deliberativo do Instituto Sedes Sapientiae designou uma Comissão Eleitoral para acompanhar e legislar sobre as eleições da Diretoria que ficaram marcadas para a semana de 24/11/97 a 28/11/97.

Os membros designados para tal Comissão foram: Cleusa Pavan, Mania Zuneide Monteiro, Maria de Lourdes D. F. Carvalho, Ranulfo Veloso da Silva e eu, Mania Deweik.

Cumprindo com suas funções a Comissão nomeou a Mesa Eleitoral, acompanhou o processo de justificativas de abstenção, organizou a lista de votantes, convocou os eleitores, divulgou o pleito, recebeu a inscrição da chapa, organizou as cédulas de votação, convocou a comunidade Sedes para uma conversa com a chapa inscrita (realizada em 18/11/97), realizou a apuração e proclamou a chapa eleita. Enquanto membro da Comissão Elei-

toral divulgo aos Membros deste Departamento a íntegra da Ata de Apuração dos Votos realizada no dia 28/11/97, após o término da eleição.

Em seguida, montei um gráfico a fim de que possam ser visualizados os dados em termos percentuais.

Com isto espero poder estar contribuindo com o objetivo de tornar transparente o trabalho que vem sendo realizado no Conselho.

Mania S. Deweik

Eleições II - Ata da Apuração de Votos

Triênio 1998-2000

Aos vinte e oito dias do mês de novembro de 1997, às vinte horas e um minuto, com a presença de Mania S. Deweik, Maria Zuneide Monteiro, Maria de Lourdes D. F. Carvalho e Ranulfo Peloso da Silva da Comissão Eleitoral, e Carlos Lichsztejn, Rubens Paulucci Junior, Pedro Mathis, Eduardo Martins, Maria de Fátima Vicente, Eneida Terezinha Moura, Dalka Chaves A. Ferrari foram iniciados os trabalhos de apuração.

Inicialmente foi conferida a relação dos eleitores, tendo-se constatado que:

No Total de Eleitores: 361

Votaram: 189

Justificaram: 004

Abstiveram-se: 168

Aberta a urna e apuradas as cédulas foi constatado o número de 189 (o que confere com a lista dos eleitores). Contados os votos, os resultados foram os seguintes:

chapa única: 165

brancos: 010

nulos: 014

Encerrados os trabalhos de apuração, foi proclamada eleita a chapa única composta por: Dalka Chaves de

Almeida Ferrari, Maria de Fátima Vicente, Maria de Lourdes Trassi Teixeira e Ana Maria Sigal Rosemberg que, com os membros que serão nomeados pela Associação Instrutora da Juventude Feminina, deverão constituir a nova Diretoria do Instituto Sedes Sapientiae no próximo triênio (1998-2000).

Nada mais havendo a tratar, a Comissão Eleitoral deu por encerrado os trabalhos. A presente ata expressa a veracidade do ocorrido no pleito. Seguem as assinaturas dos membros da Comissão Eleitoral e das pessoas que acompanharam o processo de apuração.

Mania S. Deweik

Clínica - Por que a Clínica do Sedes mudou?

A Clínica do Instituto Sedes passou recentemente por uma grande reformulação. Entendê-la torna-se importante na medida em que tais mudanças trazem conseqüências imediatas para a relação da Clínica com os diversos Cursos e Departamentos do Instituto.

Para compreender o momento atual da Clínica, cabe retomar o seu processo

de transformação que se iniciou em 92 e culminou com a reorganização de sua estrutura de funcionamento no final de 94.

Até então, a Clínica era composta de um pequeno conjunto de profissionais (um Assistente Social, três triadores, um Psiquiatra, um Coordenador e um serviço de Secretaria) que tinham como função básica colocar em contato duas instâncias: um conjunto de paci-

entes que procurava o Sedes visando atendimento psicoterápico gratuito e um conjunto de alunos que, desde os seus diversos cursos de especialização, buscavam atender através da Clínica Psicológica para adquirir experiência nas diversas modalidades de atendimento 'psi' ensinadas em seus respectivos cursos.

O Projeto de reestruturação da Clínica

concluído em 94 pretendia iniciar a transformação dessa antiga 'clínica - escola' em uma 'clínica de serviços'. O enfoque anterior deveria sofrer um deslocamento: não seriam mais as necessi-

dades de aprendizagem dos alunos que determinariam primordialmente os atendimentos realizados na Clínica, mas sim, as demandas trazidas pelos seus usuários.

Optou-se, na época, por concretizar essa mudança com a montagem de uma nova estrutura e a Clínica passou a se constituir da seguinte forma:

- **Coordenação Geral da Clínica:** composta por um coordenador geral e pelos coordenadores de cada Setor;

- **Setores:**

1. Centro Clínico de adultos
2. Centro Clínico de adolescentes
3. Centro Clínico de crianças
4. Setor de Pesquisa e Publicações
5. Setor de Assuntos Externos
6. Setor Recepção e Triagem
7. Núcleos de Referência: na época,

o único Núcleo de Referência existente era o Núcleo de Referência às Vítimas da Violência;

- **Serviço Social:** composto de um Assistente Social trabalhando 40h semanais;

- **Serviço de Psiquiatria:** composto

de um Psiquiatra trabalhando 6h semanais;

- **Secretaria:** composta de três profissionais trabalhando em período integral.

No momento da implantação desta nova estrutura, o Instituto Sedes, que desde então vem investindo recursos na reestruturação da Clínica, contratou vários profissionais. Esses profissionais compuseram a Equipe de Recepção e Triagem, além de coordenarem a Clínica e seus vários setores (). Outros trabalhadores continuaram a participar de forma voluntária nas diversas instâncias recém - criadas e os serviços já existentes de Secretaria, Psiquiatria e Assistência Social foram mantidos .

No final de 95, ao completar um ano de funcionamento desta nova estrutura, realizou-se uma avaliação geral (cujo texto encontra-se disponível na Secretaria da Clínica) onde se percebeu que a meta inicialmente proposta, ou seja, uma Clínica de Serviços voltada a atender as necessidades de seus usuários, sendo também um laboratório de pesquisas e formação no campo da Saúde Mental, não havia sido alcançada e que, pelo contrário, havíamos montado uma complexa estrutura que praticamente continuava a gerenciar uma 'clínica - escola' que mantinha os problemas e contradições detectados desde 92.

Entretanto, essa nova estrutura, se não tinha servido ao propósito inicial, tinha servido como lugar de explicitação destas contradições. Deparamo-

nos portanto com o grande desafio de entender o sentido de tal situação e propor as modificações necessárias.

Iniciamos então um processo de discussão no qual o questionamento das concepções e práticas existentes na Clínica enquanto alternativas históricas nos mostrou a sua necessária dimensão ética e política, tomando indispensável repensar conceitos como os de doença e saúde mental, assim como rever as nossas concepções de 'social', de 'psíquico', de 'indivíduo', de 'sujeito' e de 'subjetividade', entre outras. Conceber as práticas clínicas como alternativas históricas significa entendê-las não só como determinadas, mas sobretudo como determinantes da história.

Essa reflexão nos levou a perguntar sobre a função social desta Clínica, sobre a sua inserção no campo da Saúde Mental, enfim sobre a 'clínica' que tínhamos na Clínica do Sedes e sobre o que este 'fazer' produzia.

Descobrimos que se tinha muito pouca 'clínica' na Clínica, na medida em que esta se restringia aos trabalhos do Setor Recepção e Triagem e do único Núcleo de Referência em atividade. No primeiro caso, os atendimentos realizados por ocasião da recepção dos pacientes não garantiam que estes

tivessem a continuidade de um projeto terapêutico adequado às suas necessidades; no caso do Núcleo de Referência, a questão era outra: o fato do trabalho clínico ser basicamente voluntário, não remunerado e por isso, ameaçado, no limite, em sua própria condição material de existência. A questão do trabalho não remunerado na Clínica como em outras instâncias do Sedes é assunto dos mais complexos e polêmicos e traz consigo uma discussão que parece nunca concluir-se e que, certamente, fala de um de nossos 'sintomas institucionais' sempre presente e atuante.

Faltava 'clínica' na Clínica, tinham-se 'clínicas' nos Cursos. Estas, alienadas do que ocorria no âmbito interno à Clínica, funcionavam como a recepção dos pacientes: podiam ser sérias e de boa qualidade, mas raramente davam conta de um percurso institucional adequado a cada paciente que nos procurava.

A fim de tornar mais concreta esta problemática, introduzimos a seguir um excerto ilustrativo do trabalho do Setor Recepção e Triagem:

"Propomos uma rápida reflexão sobre uma situação exemplar e cotidiana que conta... (o) drama vivido pela equipe de recepção e triagem em seus três anos de existência:

um ou mais cursos comunicam que existem vagas disponíveis para atendimentos de pacientes adultos; abrem-se inscrições para esta faixa etária; as pessoas inscrevem-se e são chamadas para o processo de triagem, após o qual estão aptas a serem encaminhadas para os terapeutas - alunos desses cursos; ocorre que parte significativa dos pacientes triados apresentam problemáticas graves, por vezes estão sob acompanhamento psiquiátrico, por vezes são psicóticos ou ainda, simplesmente, chegam em meio a uma crise, extremamente angustiados e demandando atendimento imediato; os triadores escutam esses pedidos, compartilham a angústia vivida, preocupam-se em realizar o melhor encaminhamento possível; elaboram seus relatórios onde, conforme o caso, apontam que o paciente deve ser atendido com urgência e/ou que sua problemática é grave, sendo adequado um atendimento freqüentemente individual; esses pacientes, como lhes é dito durante o processo de triagem, 'ficam em casa' esperando uma comunicação de seu futuro terapeuta; porém, as vagas disponíveis destinavam-se ao atendimento de pacientes com problemáticas menos graves, não psicóticos, em grupo, ou, simplesmente, sem urgência no atendimento, pois este acaba por iniciar-se quase sempre semanas ou meses após a triagem; ou ainda, muito mais freqüente, o horário que o aluno - terapeuta dispõe para atender não é compatível com o horário em que o paciente pode vir; em suma, uma parcela dos pacientes triados nessa ocasião hipotética vai para 'a fila de espera', aguardando por vezes anos por um atendimento que ironicamente os triadores consideraram como 'urgente'.

Enfim, como resultado de tais discussões, ao final de alguns meses de trabalho, produziu-se um texto: "Uma Clínica Psicológica para este Final de Século" - que propunha um novo projeto de Clínica e que ficou conhecido com o nome de 'Projeto Clínico - Ético - Político da Clínica'.

Este texto se encontra disponível na Biblioteca do Sedes e foi composto pelo grupo de trabalhadores da Clínica que constituiu a "Comissão do Projeto Ético - Político".

Este projeto foi aprovado pelo conjunto dos trabalhadores da Clínica no final de 96 e iniciamos 97 com a intenção de implementá-lo. Entretanto, em março desse ano, tomamos conhecimento de que o Instituto Sedes vivia um momento de grave crise econômica, não sendo possível investir qualquer recurso adicional para mudanças na Clínica e que, ao contrário, eram necessários cortes nas despesas então existentes.

O novo Projeto pressupunha a montagem de equipes clínicas com a contratação de um 'Corpo Clínico Estável' que pudesse se responsabilizar pelos atendimentos efetuados na Clínica, sem depender das disponibilidades dos vários cursos. Isso exigia investimento financeiro do Instituto, ainda que inicial, pois também fazia parte deste 'Novo Projeto' a proposição de uma 'Política Financeira para a Clínica' () que pretendia captar recursos para o desenvolvimento de seus vários projetos.

Todavia, em face dos limites existentes, nos vimos às voltas com mais um desafio: realizar imediatamente mudanças na estrutura da Clínica em conformidade com o 'Projeto Clínico - Ético - Político' aprovado, inclusive pela Diretoria do Sedes, mas também em conformidade com um estreito limite financeiro que nos obrigava a diminuir o número de trabalhadores contratados. Após muito trabalho e infindáveis horas de reunião acabamos por definir uma nova estrutura provisória para a Clínica, na qual se tentou compatibilizar os princípios formulados no 'Novo Projeto' com os limites impostos pela situação econômica.

Esta nova estrutura - cuja implementação inicial ocorreu em outubro último - constituiu-se a partir da proposta de ampliar significativamente as

formas de 'inserção clínica' na Clínica, criando e/ou mantendo as seguintes alternativas de participação:

terapeutas - alunos: continuam a atender nos moldes já existentes. Pretende-se que esse tipo de inserção deixe de existir a longo prazo;

terapeutas - estagiários: novo modo de inserção possível para alunos, ex-alunos ou membros de Departamento que, mediante seleção, terão oportunidade de realizar atendimentos na Clínica participando de 'Equipes Clínicas' onde se realizará um acompanhamento clínico - institucional dos casos atendidos; o edital para uma primeira seleção dos interessados já foi divulgado no Instituto; haverá uma segunda seleção no 1º Semestre de 98; inicialmente, este estágio não será remunerado, mas existe a intenção de buscar recursos que possibilitem futuramente que os estagiários recebam 'bolsas de estudo' durante o período em que estiverem ligados à Clínica. O estágio é destinado fundamentalmente aos alunos dos cursos de especialização do Instituto, sendo apenas 15% das vagas destinadas a ex-alunos e/ou membros de Departamento.

terapeutas - parceiros: novo modo de inserção que se destina a realizar atendimentos de pacientes pagantes a partir de um contrato de parceira - sem vínculo empregatício - entre esses terapeutas e a Clínica; a Clínica se compromete a fazer o encaminhamento de pacientes que tenham condições de pagar uma quantia mínima definida, compromete-se também a oferecer a infraestrutura necessária aos atendimentos - salas, serviço de secretaria etc. - e os terapeutas - parceiros comprometem-se a realizar tais atendimentos, assim como a participar de reuniões nas 'Equipes Clínicas'; cada um dos parceiros receberá 50% dos rendimentos auferidos com esse trabalho; a proposta desta forma de inserção objetivou a ampliação das possibilidades de participação na Clínica em um momento no qual o Instituto reduziu as horas de contrato de

seus trabalhadores e também a entrada de recursos financeiros provenientes desses atendimentos; a seleção para os terapeutas - parceiros ocorreu no final de outubro último, tendo sido aberta para os colegas que mantêm vínculo com qualquer instância do Instituto (alunos, ex-alunos, professores, membros de Departamento e voluntários da Clínica) e possuam razoável experiência clínico - institucional; já foram preenchidas as dezoito vagas existentes nesta função e esses trabalhadores estão iniciando sua participação na Clínica no dia 19/11/97; após um ano de funcionamento, este modo de inserção será reavaliado; maiores detalhes a respeito deste tipo de inserção, assim como a respeito do estágio podem ser obtidos na Clínica.

terapeutas - contratados: têm como funções iniciais: a Coordenação das Equipes Clínicas, lugar dos estagiários e dos terapeutas - parceiros, o atendimento de pacientes e a continuação da implementação do Projeto Clínico - Ético - Político; este novo modo de inserção foi efetivado mediante seleção e posterior contrato pelo Instituto, ou seja, com vínculo empregatício; a seleção ocorreu no mês de setembro e os nove colegas selecionados iniciaram seu trabalho em 01/10/97; o número de terapeutas - contratados foi determinado pelo limite econômico atual do Instituto; pretende-se futuramente aumentar esse número e, por conseguinte, constituir mais do que nove Equipes Clínicas;

terapeutas dos Núcleos de Referência: mantém a inserção já existente, levando-se em conta a possibilidade de virem a receber parte dos honorários advindos dos pacientes pagantes que aí são atendidos; atualmente, existem na Clínica dois Núcleos de Referência: Núcleo de Referência às Vítimas da Violência e Núcleo de Psicose; este último não realiza atendimentos a pacientes no momento; os Núcleos de Referência atendem pacientes pagantes e não pagantes, da mesma forma

que todos os outros trabalhadores da Clínica, com exceção dos terapeutas - parceiros que só atendem pagantes;

terapeutas dos Projetos Especiais: modo de inserção que se dá a partir da apresentação de Projeto de atendimento clínico específico que, uma vez aprovado pela Clínica, pode vir a contar com sua infra-estrutura; atualmente existem alguns projetos em funcionamento, como por exemplo o Projeto de atendimento a gestantes, ligado ao Curso de Reich; outros também já estão em funcionamento ou já foram aprovados, podendo iniciar seu trabalho; quaisquer profissionais ligados ao Instituto podem propor projetos de atendimento; em termos de remuneração, tais projetos funcionam como os Núcleos de Referência; mantêm-se em aberto a desejada possibilidade dos Projetos especiais e dos Núcleos de Referência terem também seus trabalhos financiados por entidades externas ao Sedes;

terapeutas - credenciados: trata-se de modo de inserção antigo, interrompido há algum tempo para reestruturação; consiste em uma lista de terapeutas - alunos e ex-alunos do Instituto - que se propõem a receber pacientes em seus consultórios por preços condizentes com a situação financeira dos mesmos; esse tipo de inserção será 'reativado' assim que concluirmos a discussão e a aprovação de sua proposta de reformulação;

Essas várias inserções se dão dentro de uma estrutura que ficou assim configurada:

- Coordenação da Clínica: composta de um Coordenador Geral e de representantes dos diversos setores (sendo que o Setor Equipes Clínicas tem dois representantes na Coordenação);

- Setores:

1. Equipes Clínicas: compostas pelos Coordenadores de Equipes Clínicas, pelos estagiários e pelos terapeutas - parceiros;

2. Centro Clínico: que congrega

os antigos Centros Clínicos de adultos, adolescentes e crianças, sendo composto por um Coordenador e por representantes dos diversos Cursos que atendem na Clínica; os alunos - terapeutas estão ligados a este Setor;

3. Setor de Projetos: que reúne o antigo Setor de Assuntos Externos e o antigo Setor de Pesquisa e Publicações, sendo composto por um Coordenador e pelos interessados em trabalhar em quaisquer projetos especiais;

4. Núcleos de Referência: que mantém sua estrutura anterior;

- Serviço de Psiquiatria e Secretaria: que continuam como antes.

O Setor de Recepção e Triagem foi extinto e, provisoriamente, a Clínica está contando com o Serviço de Assistente Social somente para o trabalho do Núcleo de Referência às Vítimas da Violência.

Como fica evidente, a Clínica sofreu cortes e esses cortes têm significado um doloroso processo de luto para todos. No entanto, ao mesmo tempo que pessoas foram demitidas, muitos novos colegas estão chegando, a partir das novas formas de inserção propostas. As seleções já realizadas foram concorridas e contamos atualmente com um conjunto de profissionais experientes.

Será que enfim conseguiremos nos aproximar das metas propostas?

A participação do conjunto de trabalhadores ligados ao Sedes, inclusive dos membros de nosso Departamento e dos alunos de nossos cursos, certamente será decisiva para a realização desse Projeto que nos é tão caro.

Maria Lúcia de Moraes Borges Calderoni

Nós do Núcleo de Departamentos entendemos que é importante que o Sedes, instituição comprometida com os movimentos de nossa sociedade, precisa ter presença significativa na mídia participando criticamente de algumas discussões que se colocam na ordem do dia e que dizem respeito ao nosso trabalho.

Mais do que isso, que é função do próprio Instituto Sedes, enquanto tal, estar na dianteira dessa empreitada

promovendo os trabalhos que desenvolve e os inúmeros profissionais de saúde e ensino que lhe dão corpo.

Esta é uma tarefa que implica em investimentos de várias ordens e nos defronta com uma série de questões que estamos levando adiante.

Em um primeiro levantamento, chamou-nos a atenção que no home page do Sedes na Internet (endereço: <http://www.ibase.org.br/~sedes>) não constassem os Departamentos. Conta-

tos feitos, um espaço de quinze linhas foi proposto para cada um.

Do Departamento de Psicanálise apresentamos um texto que a partir de Abril deverá ser encontrado no endereço acima referido. Se alguém tiver sugestões, são bem vindas, contatar-me (telefone 284 5963).

*Lourdes Costa
pelo Núcleo de Departamentos*

Curso

Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea

Corpo Docente: Alexandra Sterian, Márcia de Mello Franco, Maria Beatriz Costa Carvalho, Mário Pablo Fuks, Nayra Cesaro Penha Ganhito, Renata de Azevedo Caiaffa e professores convidados.

Objetivos: A prática clínica atual tem se deparado com o surgimento de novas demandas que implicam num desafio para o pensar psicopatológico e que requerem um esforço de teorização. Tomando como ferramenta a teoria psicanalítica, pretendemos abordar essas formas de sofrimento psíquico ligadas aos novos modos e/ou vicissitudes da subjetivação. Procuraremos estabelecer uma correlação entre esses novos quadros clínicos e as grandes transformações que tem atravessado a vida social.

Destinado a: Psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e outros profissionais da área clínica interessados numa abordagem psicanalítica dessa problemática.

Funcionamento:
Seminários teóricos (1h30 de duração)
Seminários clínicos (1h30 de duração)
Mesas redondas bimensais, com professores do curso e convidados.

Conteúdo programático:
Construção do Campo Psicanalítico
Freud as neuroses: uma psicopatologia fundada na noção de conflito;
Trauma e repetição;
Fantasia e simbolização;
A escuta na transferência.

O Mal Estar na Contemporaneidade
Freud e o "Mal Estar na Cultura";
Os processos de subjetivação e sua vicissitudes na atualidade;

Narcisismo, ideal do Ego e ideal social;

A psicopatologia psicanalítica diante das novas configurações clínicas e a noção de sintoma social.

Corpo biológico ou corpo erógeno?
A Síndrome do Pânico: uma nova entidade mórbida?

Problemáticas psicossomáticas
As patologias narcísicas:
As Depressões: em busca do tempo perdido;

Configurações limítrofes: sujeitos em suspenso;
as questões da violência, delinquência e toxicomania.

A loucura
Psicoses e loucura;
O lugar da loucura na sociedade atual;

Considerações sobre o funcionamento psicótico.

Duração: 1 ano
Horário: Terças-feiras, das 19h00 às 22h00

Número de vagas: 20 (vinte)
Inscrição:

Para efetuar a inscrição o candidato deverá trazer duas fotos 3x4, xerox do CIC, do RG, do comprovante de habilitação profissional (CRP, CRM, CRESS, etc.) e pagar taxa de inscrição de R\$ 20,00.

A inscrição poderá ser feita até 06 de fevereiro de 1998, às 20h00

Seleção:
Candidato se submeterá a uma entrevista individual, devendo levar uma cópia do curriculum vitae. No ato da inscrição a Secretaria marcará entrevista conforme agenda definida pelo docente.

Publicação dos resultados:
16 de fevereiro de 1998, às 14h00.
Início do ano letivo:
03 de março de 1998

GRUPO ESPAÇO DE TRABALHO

Movimentos

Em fins de 1995 este grupo reuniu-se para pensar sobre formação, sua continuidade, a clínica. Naquele momento, mobilizadas pelas discussões que ocorriam nas Assembléias do Departamento de Psicanálise, questionávamos alguns temas que nos preocupavam tais como identidade, admissão ao Departamento, pertinência. Sentíamos falta de um lugar que possibilitasse a acolhida de nossas inquietações, como também a

construção de um círculo de produção, de circulação de idéias.

No Departamento encontramos ressonância, e deste modo surgiu, em 1996, "Inquietações na Clínica Cotidiana", encontros mensais, organizadas por nós - O Grupo Espaço de Trabalho.

Hoje, com dois anos de atividade, referendamos esse trabalho, a grata presença fundamental de todos os participantes e a eficiente integração dos

membros da secretaria que garantiram a infra-estrutura.

Constituímos todos juntos este lugar de conversação, onde podem surgir sempre novas formulações, onde o círculo não se completa.

Em 1998, seguiremos com uma nova configuração, mas mantendo o alicerce fundamental - fórum aberto de interlocução.

*Elaine Armênio
Zélia Temin*

GRUPOS INTERNOS

Propostas de Seminários para 1998

Proposta 1

As Conexões da Clínica. Psicanálise e transdisciplinaridade

Início - Março de 1998

Horário - 5as. Feiras das 15:20 às 16:20 ou das 18:00 às 19:00hs.

Coordenação - Alcimar de Souza Lima

Telefone: 282.49.86

Proposta 2

Pensando a Clínica. Suas articulações com a teoria. Questões acerca da temporalidade, da transferência, do corpo, dos sonhos.....

Início - Março de 1998 - encontros quinzenais

Coordenação - Anna Maria Amaral

Telefone: 231.49.67

Proposta 3

O Sintoma e a Clínica Psicanalítica. A concepção de sintoma em diferentes momentos da obra freudiana e sua articulação permanente com as interrogações de nossa clínica cotidiana.

Início - Março de 1998 - encontros quinzenais

Coordenação - Maria Cristina Ocariz

Telefone: 256.47.58

Proposta 4

D.W. Winnicott. Sua participação na história do movimento psicanalítico e a especificidade teórica e clínica de sua contribuição.

Início - Março de 1998 - encontros quinzenais

Coordenação - Maria Laurinda Ribeiro de Souza

Telefone: 822.78.20

Proposta 5

O Feminino no Imaginário Cultural de nosso Tempo. Efeitos na Clínica.

Início - Março de 1998 - encontros quinzenais

Coordenação - Silvia Leonor Alonso

Telefone: 3666.20.45

Proposta 6

Psicanálise e Filosofia

Textos psicanalíticos que absorvem textos filosóficos, de Freud a Fedida.

Início - Abril

Horário: às 5^{as} feiras, das 9h30 às 11h30

Encontros quinzenais

Coordenação - Camila Salles Gonçalves

Telefone: 211-9382

COMISSÃO DE ADMISSÃO

Carta para candidatos

Para o seu conhecimento segue abaixo a carta enviada em 17/11/97 para os candidatos à admissão ao Departamento de Psicanálise:

Prezado colega,

Como você sabe, nessas últimas semanas estivemos organizando os procedi-

mentos para Admissão de novos membros ao Departamento de Psicanálise.

Por este motivo, sua solicitação demorou um pouco para ser examinada; mas, agora que estes procedimentos estão definidos, podemos dar andamento a seu pedido.

A entrada no Departamento de Psicanálise ocorrerá após um processo que envolve, da sua parte, três momentos, nesta seqüência:

1. Entrega à Rose, na Secretaria de Cursos e Departamentos do Sedes, um "Memorial" (7 cópias). Neste memorial,

você descreverá, em algumas páginas, sua trajetória como profissional e como analista, de modo que quem o ler possa formar uma idéia razoavelmente clara do seu percurso. Você poderá anexar ao Memorial, se quiser, cópias dos seus trabalhos, ou outros documentos que contribuam para a finalidade anteriormente mencionada. O prazo para entregar este material à Rose é dia **10 de novembro**.

2. Entrevistas, separadas, com dois membros da Comissão de Admissão. O nome dos entrevistadores lhe será comunicado oportunamente; você telefonará a eles e marcará data e horário. A finalidade desta etapa é ter um contato mais pessoal com você. Estas entrevistas podem ocorrer ainda este ano, entre meados de novembro e início de dezembro.

3. Apresentação oral, de no máximo uma hora, sobre o seu trabalho como ana-

lista. O formato desta apresentação - texto escrito ou exposição mais informal - fica a seu critério; o que nós desejamos é poder conhecer algo significativo sobre a maneira pela qual você elabora as questões que certamente seu trabalho analítico lhe coloca. Estarão presentes, no mínimo, seis membros da Comissão de Admissão (entre os quais os que entrevistaram você), além de todos os colegas do Departamento que assim o desejarem, inclusive amigos seus, membros do Departamento que você quiser convidar. O caráter aberto desta apresentação visa conferir o máximo de transparência ao processo e incluir nele um momento de interlocução com o coletivo do Departamento. Como a data de apresentação será combinada com você e divulgada a todos os membros do Departamento, ela poderá ocorrer ainda este ano ou no início do próximo.

Assim, aguardamos a chegada do seu

memorial para dar início a todo o processo.

Cordialmente,

Ana Maria Leal
Daniel Delouya
David Calderoni
Eliane Berger
Janete Frochtengarten
Lilian Quintão
M. Antonieta Whately
M. Auxiliadora A. Cunha Arantes
M. Cristina Ocariz
M. Laurinda Ribeiro de Souza
M. Lucia Bersou
Mário P. Fukis
Miriam Chnaiderman
Nayra Ganhito
Renata Cromberg
Renato Mezan
Rubia Maria Delorenzo
Sílvia Alonso Esposito
Tera Leopoldi

Comissão de Admissão

ENDEREÇOS DE CONSULTÓRIO

Lista dos membros do Departamento

Publicamos a listagem que se segue e solicitamos aos membros que nos comuniquem as eventuais mudanças de endereços, complementos, correções ou omissões - fazemos notar que aqui não constam todos os membros - a fim de que as publiquemos no próximo Boletim.

Adalberto Lamerato Costa
62 1936

Adriana F.de Bona
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1280
884 2769

Adriana V. Morettin
R. Ásia, 73
05413 001
282 4560

Alcimar Alves de Souza Lima
R. Cel. Manoel Martins, 340
São José dos Campos
0123 - 22 0548 e
R. Atlântica, 776
282 4986

Alexandra Sterian
R. José Clemente, 165
889 9486

Aline E. Camargo Gurinkel
R. Maranhão, 620 CJ 63 - Higienópolis
01240 000
825 1645

Ana Lucia Amoratti M Matos
R. Ministro Rocha Azevedo, 816
Jardins
64 3631

Ana Lucia Panachão
R. Capote Valente, 1394 - Pinheiros
864 9276

Ana Maria Sigal Rosemberg
R. Maranhão, 620 Cj.44 - Higienópolis
01240 000
67 7469

Anna Correia
R. Jerônimo da Veiga, 220 - Itaim Bibi
04536 000
883 6642

Anna Maria Alcântara do Amaral
R. Sergipe, 441/101 - Higienópolis
01243 001
231 4967

Beatriz Teixeira Mendes Coroa
864 9276

Bela M. Sister
825 3470

Bernardo Tanis
R. João Moura, 647 CJ 153 - Pinheiros
852 1855

Camila Salles Gonçalves
Av. Antonio Bantuíra, 393 - Alto de
Pinheiros
211 9382

Catarina L. Haasz
R. Baronesa de Itú, 433 apto 81

Cecília Luiza Montag Hirschzon
R. Carlos Sampaio, 154 A
01333 020
288 7654

Cecília Carvalho Meirrelles
R. Capote Valente, 1394 - Pinheiros
05409 003
864 9276

Clarissa Silbiger Ollitta
884 3861

Claudia Justi Monti Schomberger
R. Borges Lagoa, 1053 - Vila
Mariana
572 8632

ENDEREÇOS DE CONSULTÓRIO

Cleide Monteiro

R. Honduras, 365
01428 000
887 3557

Cleusa Pavan

R. Borges Lagoa, 1053 - Vila Mariana
572 8632

Cristina M.E.Herrera

38 65 1163

Daniel Delouya

R. Cristiano Viana, 880
05411 001
853 9983

Darcy Haddad Daccache

R. Atlântica, 776
282 4986

Decio Gurfinkel

R. Maranhão, 620 Cj 64 - Higienópolis
01240 000
825 9794

Denise da Cruz Gouveia

Dr. Homem de Mello, 736
Perdizes
65 2370

Eliana Borges Pereira Leite

Av. Anchieta, 585
12242 280
0123 - 22 0548

Eliana Vaz Macia

815 1315

Eliane Berger

283 4982

Elisa Maria Ulhôa Cintra

R. Domicio da Gama, 67
871 4068

Elisabeth Antonelli Gaiarsa

R. Bento de Andrade, 549
885 5095 / 887 4716

Eva Wongtschowski

R. Jerônimo da Veiga, 220
Itaim Bibi
04536 000
883 6642

Eveline Alperowitc

881 4170

Flávio Carvalho Ferraz

R. João Moura, 647 CJ 121
Pinheiros
852 3692

Gislaine Varela Mayo

R. Ministro Rocha Azevedo, 816
3064 3631

Heidi Tabacof

R. Wisard, 598 - Vila Madalena
211 3613

Helena Kon Rosenfeld

R. Artur Azevedo, 485 - Pinheiros
852 8156

Henriette A. Bucarechi

R. Pedroso Alvarenga, 1245, cj. 113 -
Itaim Bibi
881 5815

Isabel Dora M.de Vilutis

R. Novo Horizonte, 145
256 4758

Ismênia de Camargo

R. Amália de Noronha, 276
282 5454

Janete Frochtengarten

R. Delfina, 65 - Vila Madalena
05443 010
212 9165

Jassanan A. D. Pastore

Al. Franca, 801 - 01422 000
881 4349

José Atilio Bombana

R. Estado de Israel, 99
887 1797

Leda Maria Codeco Barone

R. Atlântica, 776
282 4986

Lilian C.R. Quintão

R. Delfina, 65 - Vila Madalena
05443 010
212 9165

Luciana Cartocci

211 9941

Luis Carlos Menezes

R. Timbuiba, 62
3021 5211

Mania S. Deweik

R. Honduras, 365
01428 000
887 3557

Mara Selaibe

R. Atibaia, 40
01235 010
871 3638

Marcia Arantes

R. Honduras, 365
887 3557

Marcia de Mello Franco

R. Sergipe, 441 CJ 42
258 8648

Maria Alipia de Salles Guimarães

5704631

Maria Angela Santa Cruz

R. Piracuama, 197
62 1936

Maria Auxiliadora Vidigal

C. Souza
883 6642

**Maria Auxiliadora A.Cunha
Arantes**

R. Maranhão, 620 cj 92 - Higienópolis
01240 000
66 2979

Maria de Fátima H. Duarte de Oliveira

R. Cel. Da Vila Esperidião, 32
240 7147 / 240 6919

Maria Cristina T.Prandini

531 4322

Maria Antonieta P.Whately-

R. Heitor Penteado, 47, Casa 4
3862 8654

Maria do Carmo V. Meyer Dittmar

R. Domicio da Gama, 67
871 4068

Maria Stella R.Sampaio Leite

R. Piracuama, 197
05017 040
3862 1936

Marise Bartolozzi Bastos

R. Pamplona, 1119 CJ 53
251 4939

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Av. Paulista, 509 Cj 05
01311 000
284 5963

Marina Kon Bilenky

Al. Joaquim Eugenio de Lima, 680 cj 33
01403 000
285 4579

Mary Ono

R. Alves Guimarães, 882 apto 73
Pinheiros
282 6386

ENDEREÇOS DE CONSULTÓRIO

Miriam Chnaiderman

R. Maranhão, 620 cj 33 - Higienópolis
01240 000
3666 4537

Maria Beatriz Costa Carvalho (TICHE)

R. Dr. Paulo Vieira, 45
871 5648

Maria Cristina Ocariz

R. Novo Horizonte, 145
256 4758

Maria Cristina Surani Mora**Capobiano**

R. Maria Carolina, 280
3064 1297

Maria de Fátima Vicente

R. Ásia, 73
05413 001
282 4506

Maria Elisa de Abreu Pessoa Labaki

R. Simão Alvares, 936 - Pinheiros
211 9764

Maria José do Porto Bugni

881 5815

Maria Laurinda Ribeiro de Souza

R. Inajaroba, 186
822 7820

Maria Lúcia de M. B. Calderoni

R. Borges Lagoa, 1053
572 8632

Maria Lucia T. Bersou

R. Bento de Andrade, 549
04503 011
887 6251 / fax 5336217

Marilucia Melo Meireles de Alencar

R. João Moura, 647 cj 101
05412 000
881 2811

Mauro Hegenberg

65 1163

Mauro Spinelli

65 2370

Mirian Uchitel

R. Padre Cerda, 355
826 8529

Natalia Maria Romano Mutarelli

R. Maranhão 620 cj 62
01240 000
826 6980

Nayra Cesaro Penha Ganhito

Dr Paulo Vieira, 45
871 5648

Nelson Luiz Magalhães Carrozzo

571 8708

Neusa Nogueira Mazzeo

R. Manoel Pires, 12
0123 - 220548

Noemi Moritz Kon

Al. Joaquim Eugenio de Lima, 680 cj 53
01403 000
285 4579

Rosa Aizemberg AVritchir

61 5117

Regina Weinfeld Reiss

852 0931

Regina Celia Cavalcante A. de Carvalho

R. Maranhão, 620 cj 73
01240 000
826 1140

Regina Guise de Almeida

571 9524

Renata de Azevedo Caiaffa

871 5648

Renata Udler Cromberg

R. Eugênio de Medeiros, 168 casa 03 -
Pinheiros - 05425 000
816 2184

Renato Mezan

R. Amalia de Noronha, 198
05410 010
881 4851

Roberta Bertone

R. Piracuama, 197
3862 1936

Ruben Abel Trucco

R. Bocaina, 67
05013 030
864 5927

Rubia Mara Nascimento

R. Ilhéus, 135
01251 030
3862 7743

Rubia Maria Delorenzo

R. Honduras, 365
01428 000
887 3557

Sandra Mara Grisi

283 5394

Sidney Kiyoshi Shine

R. Maranhão, 620/CJ31
01240 000
826 7792

Silvana Rabello Anker

R. Dr. Homem de Mello, 736
3865 2370

Sandra Navarro

885 0679

Sebastião Carlos Coutinho

R. Domingos Fernandes, 618
822 7766

Silvia L. Alonso Esposito

66 2045

Sumie Daio**Suzana Garcia Pacheco Avezum**

R. Caravelas, 344
549 0704

Teresa Cristina Alston Bracher

831 9765

Valdelena AP.Storti Beraldo

Wilson de Campos Vieira
833 3270

Wilson Klain

R. Itapicuru, 369 cj 1010
05006 000
3865 4836

Editorial.....	p. 01
Semibreve - Sonhos e Memória	p. 01
Comissão Coordenadora Geral - movimentos	p. 02
Comissão Coordenadora Geral - relatório da tesouraria	p. 02
Intervalo de escuta	p. 03
Entrevista - Alcimar Alves de Souza Lima.....	p. 04
Dos setores - Publicações / Percurso: Debate entre autores e leitores.....	encarte
Lançamento - Freud: Um Ciclo de Leituras I	p. 13
Lançamento - Freud: Um Ciclo de Leituras II	p. 14
Ponto de vista: Eventos - Algumas questões	p. 14
Sedes - Eleições I - Movimentos.....	p. 15
Sedes - Eleições II - Ata de apuração	p. 15
Sedes - Clínica - Por que a clínica do Sedes mudou ?	p. 15
Sedes - Núcleo de Departamentos - Sedes e mídia	p. 19
Sedes - Curso	p. 19
Grupo Espaço de Trabalho - Movimentos	p. 20
Grupos Internos - Propostas para 1998	p. 20
Comissão de admissão - Carta para candidatos	p. 20
Endereços de Consultório	p. 21

ENCARTE

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano VII nº 26 - Janeiro/Fevereiro de 1998

DOS SETORES

Publicações / Percurso

Debate entre autores e leitores / Revista Percurso nº 17

Renato Mezan abre a reunião dando boas vindas aos participantes. Faz alguns comentários sobre o interesse e oportunidade de um número sobre Winnicott e sobre o fato de que a obra deste suscita diversas questões cuja discussão motiva a criação deste número da *Percurso*. Dá algumas informações sobre a distribuição dos diversos números da revista e explica a sistemática do debate para quem está participando pela primeira vez.

Ruben Trucco ficou responsável por uma abordagem geral dos artigos. Diz que procurou apreender as questões presentes nos artigos de modo a perceber neles mais continuidade ou descontinuidade entre o pensamento de Winnicott e o de Freud. Neste eixo de reflexão, o artigo de Loparic é bastante taxativo quanto a se tratar de outro paradigma. A noção de paradigma é útil para tentar esgotar a discussão quanto a haver continuidade, tangência ou ruptura entre Winnicott e Freud. É um artigo que Ruben diz ter lido com transferência positiva. Winnicott coloca a psicanálise em outro paradigma, não edípico, e não enfatiza a sexualidade. Há diferenças quanto ao lugar ocupado pelo analista, apesar de algumas continuidades. Esta questão do lugar do analista é mais interessante para Ruben do que a questão epistemológica propriamente dita. O artigo de Loparic explicita sua visão do modelo freudiano e avança para as dificuldades do modelo. Para isso recorre

aos critérios de Thomas Khun, para quem as exceções que vão se acumulando forçam as mudanças de paradigma. Há em Freud um momento inicial muito brilhante, e a teoria é muito articulada, mas a partir de certo ponto (1910) acumulam-se as dificuldades e deixa de existir a mesma coesão teórica. O paradigma vai encontrando dificuldades porque a realidade vai ficando mais complicada. O perigo em descrever as coisas assim é que já se trata de um modo um tanto "winnicottiano". Ruben menciona o livro de Bercherie, *A gênese dos conceitos freudianos*: Freud mapeou um campo tão vasto que seria preciso trocar de lentes para ver cada pedaço. Não existe uma "grande angular" capaz de abranger toda a riqueza deste campo, que não pode ser visto de modo unificado. Freud tem dificuldade para "peneirar" o que vai e o que não vai ser mantido e decidir com que pedaços continuar trabalhando. Temos uma clínica mais viva do que podemos apreender. Goethe diz que verde é árvore da vida. A teoria é mais ou menos cinza. É importante que não se lide com as teorias de modo dogmático.

É possível uma ponte com o artigo da Janete, que trata de como podemos lidar com o contraditório sem dissolvê-lo, mesmo que seja apenas para constatar que ele existe. A teoria não é unificada e isto não é ecletismo. Temos de conviver com o que ainda está longe do alcance da rede conceitual, com coisas

confusas e pouco claras. Em sua entrevista, referindo-se a Bollas, Maria Ivone fala das teorias como objetos, como instrumento à disposição do paciente. Nossa geração se preocupou muito com as demarcações, a coerência e o aprofundamento em detrimento da variedade. Agora talvez haja mais abertura para que um analista possa tocar vários instrumentos.

Lendo na revista os artigos dos membros do Departamento, Ruben diz ter notado uma preocupação idiossincrática com a questão da continuidade e da descontinuidade. É algo que diz respeito à nossa própria história e constituição. O artigo de Loparic traz a versão de um Freud para quem o sujeito é constituído de modo inato. Mas não é este Freud que circula no Departamento. Aqui temos uma forte presença francesa. Nosso pensamento coletivo passa por um grupo de pensadores franco-carioca-paulista-portenho. Pensamos o sujeito feito pela história, na lida com o ambiente. Heitor Macedo nos diz que Lacan deve ter lido muito bem Winnicott pois o Outro é semelhante à noção de ambiente. Não se trata de traduzir de um autor para outro, mas dá para sentir aproximações. Para quem se formou no Sedes, este elemento parece importante. Winnicott não é tão estrangeiro quanto podia parecer por não figurar no programa do curso e talvez isso explique por que é tão bem recebido.

Para Ruben, o paradigma é algo como o carburador do automóvel. Sabemos mais ou menos para que serve. Enfatizar as diferenças é interessante não para anular o anterior mas para ampliar a capacidade de lidar com a clínica.

Outro eixo dos artigos tenta apreender como se forma a teoria, seja em continuidade ou em ruptura. Os artigos do Tales, da Luciana e do Décio são permeados por este problema. Matrizes clínicas diferentes dão margem a teorias diferentes. Cada pensador parte da clínica e utiliza-a para pôr em pé um ponto de vista. Mas também há alguma coisa que não é só a questão da matriz. Winnicott é Winnicott porque trabalhou com *borderlines*. Mas ele utilizou esta experiência para afinar suas idéias e uma forma de ver que serve para o conjunto do processo analítico e das diversas patologias. O que está em questão tem consequências para os outros casos, além dos *borderlines*.

Ruben menciona uma passagem no artigo de Moisés, na pág. 17, que aborda a concepção do manejo do *setting*. A competência do analista não está em saber esquivar-se da demanda. Com isso o analista é liberado da imposição de recusar. Há um ganho de liberdade ("então pode!") e com isso há também desconfiância: não será demasiado "rogeriano", "maternal", etc? Mas então é análise? Há muita maternagem, terapia e pouca análise? Borges, falando a respeito do verso livre, dizia que foi "o melhor que podia acontecer à poesia, mas não pense que facilitou a vida do poeta!". Em Winnicott, ser livre é para quem pode. Só deve experimentar quem já tem muito tempo de análise. Liberdade não é ingenuidade, mas exige cultura e sensibilidade, para avaliar a situação clínica.

Existe mesmo, algo muito apontado pelo Sêrvulo Figueira, a recomendação de cuidado aos supervisionandos, para que não entrem "em conluio" com os pacientes. Forma-se um certo superego técnico, que tem a ver com a predominância, na formação, da primeira tópica: somos

"pesquisadores do inconsciente" e o que não vai neste sentido atrapalha. Há solidariedade entre a primeira tópica e o papel do analista de resistir à demanda. Já Winnicott não se vê apenas pesquisando, mas também como "parteiro". Está lá para ajudar o paciente a dar o próximo passo. A diferença é grande.

Comentando o artigo de Décio Gurfinkel, Ruben assinala que percebe nele algo de muito importante mas que lhe ficou apenas como esboço quanto a haver uma clínica do recalçamento e uma clínica da dissociação, na qual o analista seria propiciador de formações do inconsciente. Como seria este papel do analista na clínica da dissociação?

Ruben retoma o que foi dito por Renato Mezan: este número é dos mais felizes pela oportunidade de se ver as várias possibilidades de abordar um tema. Os artigos falam de um modo raro da realidade da clínica. Muitas vezes, nas publicações analíticas temos uma separação em que a semana é da clínica e o fim de semana é da teoria.

Comenta também o artigo da Camila que coloca sua clínica sem muito "guarda-chuva". Acha que a revista só tem a ganhar acolhendo este tipo de artigo. Ficou ainda com uma forte impressão do artigo da Sany, quando aborda o papel pedagógico do analista quando está em função formativa, como na supervisão, etc. Ruben diz ainda que não conseguiu fazer uma leitura suficientemente boa dos artigos do Daniel e da Eliana. Não conseguiu alinhar suas idéias que ficaram espetadas em sua cabeça como alfinetes, para uma leitura posterior. São artigos densos, que sentem dificuldade em rearticular.

A seguir, quem tem a palavra é a mãe da Sany, que todos reconhecem como suficientemente boa por ter vindo representá-la. Diz estar muito feliz por estar ali presente.

Laurinda diz ter gostado muito do texto da Sany. Tem um forte matiz

winnicottiano, preocupando-se com a cultura.

Janete diz que agradeceu-lhe muito a forma como Ruben apreendeu seu artigo. Tem um grande interesse por Winnicott, que passa pela possibilidade de ir caminhando *pelas dificuldades, entre as dificuldades* e contradições. Retoma a imagem do analista que toca vários instrumentos sem ser virtuoso em nenhum, mas acha que para questionar é a partir de algum lugar, no seu caso é a partir do eixo freudiano. O questionar de Winnicott pode vir a questionar o seu Freud.

Loparic intervém dizendo que há um debate sobre como ler Winnicott. Ler Winnicott a partir de Winnicott ou a partir de outro referencial (como quando se lê Freud a partir de Kant, por exemplo). Winnicott tem um debate interno com a psicanálise que para ele é "ortodoxa". Ele diz não entender os termos da metapsicologia. Propõe uma semântica do discurso analítico diferente da obra de Freud. Ele prefere não definir a psicanálise nos termos da metapsicologia, como por exemplo, falar dos bebês a partir da teoria das pulsões.

Em particular, Winnicott recusa o dualismo pulsional. Para ele não há pulsão de morte, há agressividade, etc.

Opera-se mudança de paradigma que faz com que seja importante ler Winnicott a partir de seus próprios textos. Foi o que o induziu quando leu como filósofo da ciência.

Ana Sigal pergunta como Winnicott definiria o que é psicanálise sem aceitar a sexualidade, as pulsões, etc. O que é para Loparic a psicanálise, se Winnicott muda todos os paradigmas. Em Freud há a clínica, a teoria e a cura. Winnicott não vai definir a psicanálise em termos da metapsicologia, então vai ficar com o método de pesquisa e de cura. O que é decisivo na psicanálise é o *tête à tête*. Dizer o que ocorre é o método, não o modo de conceber.

"Enfatizar as diferenças é interessante não para anular o anterior mas para ampliar a capacidade de lidar com a clínica."

(Rubens Trucco)

Loparic diz que não tem uma teoria da clínica, tem comentários. Como Winnicott faria? Pensa que é uma teoria do amadurecimento, em vez de metapsicologia. O psicologismo é eliminado, como em Lacan. O método de pesquisa e o de cura abordam a natureza humana. Trata-se de dizer o que acontece na sua frente sem utilizar o que Freud pensou: em suas próprias palavras. Para Winnicott, o que se transfere não é o recalado, é a *necessidade de dependência*, o não acontecido.

Renato Mezan observa que no debate um polo é o artigo de Loparic e outro são os textos do Décio e do Daniel. Acha um pouco arriscado interpretar polaridades. Há certo reflexo condicionado em relação aos paradigmas e tende-se a pegar "o último barco de Paris". Há vários paradigmas e Renato acha que dar-lhes nomes reduz seu alcance epistemológico, levando a simplificações e reducionismos. Acha importante desnominar a discussão. Refere-se a um artigo de André Green que acaba de comentar com o Bernardo, no qual a questão é saber se a sexualidade ainda tem a ver com a psicanálise. Tem, se o paradigma for a relação entre a pulsão e o objeto. Pensa que há mais de uma forma de conceber a natureza humana e isso lhe parece oportuno, assim como não é anti-psicanalítico pensar em mais de um paradigma em psicanálise. São diferentes maneiras de conceber o funcionamento psíquico e a prática da análise. A psicanálise pode ter caráter pluriparadigmático. Nas discussões constituem-se versões reducionistas dos paradigmas e um desejo de construir um adversário sob medida para melhor o demolir.

"A psicanálise pode ter caráter pluriparadigmático. Nas discussões constituem-se versões reducionistas dos paradigmas e um desejo de construir um adversário sob medida para melhor o demolir."

(Renato Mezan)

rompido? Menciona uma citação de Leibniz e pensa que há uma certa vontade de Loparic com Freud.

Tales agradece às pessoas que o ajudaram a elaborar seu artigo, Renato Mezan, Camila, Maria Cristina. Diz ter a impressão de que Winnicott surpreendeu a psicanálise. Para ele, Tales, ser analista em formação neste momento da cultura psicanalítica é interessante. Vê-se o mal-estar e o incomodo que Winnicott introduz, com suas questões que não eram possíveis de serem pensadas no sistema anterior. A articulação de Winnicott com Freud é outra visada para o psicanalista. Mas quanto mais lê Winnicott, mais percebe que é uma articulação complexa. No Sedes há uma tradição de corpo a corpo com a obra de Freud e de reconstrução, em cada analista, dos fundamentos da teoria freudiana. Refere-se a um artigo de Renato Mezan que fala da reposição de cada termo, da reconstrução do pensamento.

Winnicott parte de Freud com fé quase ingênua (texto de 1931). No início opera com facilidade e profundamente comprometido. Depois começa a experimentar, ao longo de um percurso de 40 anos, com questões específicas que dizem respeito à sua matriz clínica, seu universo pessoal e vivendo coisas diferentes do que Freud viveu. Há muitas formas de ser freudiano e Winnicott guarda algo de profundamente freudiano, de sua longa análise com Strachey. É a possibilidade de se colocar

frente ao fenômeno psíquico de modo livre e criativo, como Freud se coloca. Há a mesma ética profunda em Freud e Winnicott. Lembra que numa carta a Guntrip, em 1954 - "meu desenvolvimento teórico se abriu no universo da

teoria psicanalítica dita tradicional". Questiona se qualquer teoria original é derivada da teoria comum. Nisto consistiria uma epistemologia psicanalítica?

Décio Gurfinkel refere-se ao comentário de Ruben sobre seu texto, quanto à distinção entre uma clínica do recalamento e uma clínica da dissociação e quanto ao papel do analista nesta última, ao contraste entre manejo e interpretação. Pensa que o contraste fica caracterizado se pensarmos no modelo da primeira tópica, na ênfase dada à interpretação do sonho e à experiência do sonhar. Freud parece não ter previsto que a *experiência do sonho poderia falhar*. Ele não questionou a experiência do sonhar e sim a formação do sonho. Para Winnicott há diferença entre sonhar e fantasiar e há a ideia de que fantasiar é uma experiência que implica uma dissociação que não está presente no sonho. Quando e por que falha a função do sonhar? No artigo "Desenvolvimento Emocional Primitivo", Winnicott diz

"... Nestes casos a interpretação seria intelectualização e reforço da dissociação. Tolerar a não integração é importante para poder restaurar a experiência do sonhar."

(Décio Gurfinkel)

que é quando falham os mecanismos iniciais de personalização, de existência do psicosoma como lugar a partir do qual podemos sonhar, e de realização, que se estabelece pelos objetos e fenômenos transicionais, possibilitando a construção dos objetos e da realidade. Assim o *self* vai desenvolvendo condições para sonhar. E o terceiro processo é de *integração/dissociação*. Se houve falhas na relação com o ambiente que impossibilitaram a integração, é preciso restaurar a experiência do sonhar como objetivo. A *dissociação* não pode ser interpretada e então é que o manejo pode servir. O *setting* procura reproduzir uma situação em que possa ocorrer a integração, tratando a dissociação *na experiência*. Nestes casos a interpretação seria intelectualização e reforço da dissociação. Tolerar a não integração é importante para poder restaurar a experiência do sonhar.

Camila Salles indaga se sabemos o que seria aquilo que Loparic denomina "teoria psicanalítica tradicional". Como é um paradigma se vai de Freud até Bion?! Com o que Winnicott está

Eliana diz que vai procurar sair da "dissociação" em que ficou com o comentário do Ruben (quanto a não ter feito leitura suficientemente boa do seu artigo). Gostou das palavras do Tales que incluíram idéias que ela também tinha pensado em dizer e que combinam com o que ela pretendia em seu próprio artigo. Escreveu-o mobilizada por um diálogo com o Loparic, tempos atrás, e sua impressão coincide com a de Camila quanto a haver certa distorção na apresentação das posições de Freud. Pensa que a metapsicologia é *funcionante* e não apenas teorizante. Apoiou-se então num texto do Fédida para procurar resgatar para a metapsicologia o espaço potencial em que Freud estava quando formulava seu pensamento.

No artigo foi destacada uma frase, "Teorizar é um brincar transformado", que reflete bem o que queria mostrar. Quanto à relação Winnicott/Freud, pensa que acontece aquilo que Le Guen denomina de *ultrapassagem*. Winnicott ultrapassa Freud fazendo trabalhar a metapsicologia, mas ultrapassar inclui o ultrapassado.

Maurício Porto dirige-se às pessoas que trabalham Winnicott. Na psicanálise costumam acontecer "ondas" de autores importantes. Há 7 ou 10 anos atrás, Winnicott era mais um autor, agora virou não só uma "onda" mas uma praia inteira. Por que, neste momento, ser winnicottiano passa a ser tanto um elogio quanto um xingamento? Por que vamos nos identificando com estes autores? Será que o que chega da clínica foi se modificando e estes autores se tornam adequados para pensar isto? Por que Winnicott vai servir agora e vai se tomando uma nova escola?

Loparic intervém enfatizando a importância de ler Winnicott a partir dele mesmo, exatamente porque não é igreja, é prática científica. Acrescenta que, de acordo com T. Khun, mudanças paradigmáticas sempre se rodeiam de mal entendidos: defensores de novos paradigmas não se entendem com defensores de antigos paradigmas. Não foi sua

intenção reduzir Freud a um mequetrefe qualquer. O paradigma de Winnicott não invalida o de Freud. Freud tem seu lugar na história da ciência e da clínica ocidentais e o que pretende é explicitar a posição de Freud e a de Winnicott. Freud não começou do zero, não é filósofo, é cientista. Tem um problema e propõe um paradigma que o resolva. Para ele, Loparic, o problema central que o paradigma freudiano resolve é o da *situação edípica*. A teoria do sujeito, da sexualidade, da doença mental e da cultura dependem disso. De acordo com Khun, a construção de um paradigma pressupõe um quadro filosófico e Freud leu Kant,

que lia Leibniz. A teoria do sujeito como representação e como apetite surgiu com Leibniz. Foi aí que Freud fez empréstimos à filosofia, não de Aristóteles, no qual não há lugar para o inconsciente freudiano.

Camila intervém pontuando que, para Loparic, Freud fez acréscimos e Winnicott inventou paradigma. Pergunta se este não é um tratamento desigual.

Loparic responde que não definiu o paradigma freudiano pelo acréscimo do biológico a Leibniz. Em Winnicott o problema básico não é o Édipo, é a cisão. São níveis de análise diferentes que tornam os dois paradigmas incompatíveis. A teoria de Freud está no quadro representacional e a de Winnicott está fora do corpo, da mente, dos apetites. Quando se trata da dependência do bebê a mãe estes elementos não cabem. É preciso mudar os pensadores de referência, os que saem da representação, particularmente Heidegger.

Maria Ivone comenta que a discussão gira em torno da ruptura e continuidade entre Freud e Winnicott, entre psicanálise e filosofia, modo de perceber e modo de conceber. A filosofia

pensa no segundo. O psicanalista pensa esta discussão a partir do que acontece no consultório e para ele a coerência do paradigma é menos importante do que as *idéias* que podem ser extraídas dele para pensar o paciente. É possível fazer "sob medida" um Freud ou um Winnicott em ruptura ou em continuidade. Cita um artigo de Helena Viana sobre Winnicott, no colóquio "Winnicott em trânsito", realizado no Rio. As ciências são pluriparadigmáticas, mas a clínica está sempre aí. Como menciona em sua entrevista, Bollas observa que quanto mais objetos psicanalíticos são descobertos, mais instrumentos são

necessários para entender o paciente. O psicanalista europeu independente inspira-se hoje em várias tendências. Adota uma posição de "ficar em cima do muro", em equilíbrio precário, falando de rupturas e descontinuidades, como Humpty -

Dumpty que se cair do muro se desintegra. Menciona também a posição de Rogério Luz, para quem a psicanálise é uma disciplina não paradigmática, não se presta a esta classificação. Winnicott dá mostra de ser possível um pensamento não paradigmático.

Bernardo comenta que o debate está muito interessante e é importante diferenciar as questões do filósofo e do psicanalista para que a discussão seja produtiva. O filósofo está mais tranquilo frente à obra de um autor do que o psicanalista que tem que se haver com o sofrimento na clínica. É claro que temos referenciais teóricos prévios. Viderman (*Construção do espaço analítico*) mostra que se constrói uma situação que evidencia certos parâmetros. Ai podem surgir situações que não estavam contidas ou previstas na situação original. A leitura do psicanalista envolve o autor e também o contexto.

"Como menciona em sua entrevista, Bollas observa que quanto mais objetos psicanalíticos são descobertos, mais instrumentos são necessários para entender o paciente. "Ficar em cima do muro", em equilíbrio precário, falando de rupturas e descontinuidades, como Humpty-Dumpty que se cair do muro se desintegra."

(Maria Ivone)

Winnicott não é autor isolado, está no contexto com M. Klein, Bion, etc., nos anos 50. A visão do filósofo ajuda a *discriminar* as idéias que surgem. Mas para o psicanalista as coisas surgem nos dois polos. Cita o artigo de Loparic (1ª coluna, p. 47) em que ele menciona "no lugar disto, aquilo". Acha que lidar com a confusão não é patrimônio de Winnicott nem dos winnicottianos. Outros também experimentaram.

Tales diz que todos experimentaram. Então por que acontece cada "onda"? Por causa daquilo que se "apertou" demais num único sentido, anteriormente (contidência/formalismo, *holding*/abstinência, etc.).

Décio acrescenta que é importante não atribuir a paternidade da dissociação a um único autor e observar como, na história da psicanálise, vão mudando as configurações. A contribuição de Ferenczi é fundamental nesta vertente, e também em Freud, sem forçar para dentro dele o que ele não disse, há a idéia de que a introjeção do objeto introduz uma dissociação no sujeito (em *Luto e Melancolia*).

Elza Dias diz que fica perplexa, nos encontros a que tem ido, com a dificuldade que se vê de falar de Winnicott e de seus conceitos sem ligá-lo às suas dívidas, rupturas, tributos, etc., em relação ao pai, o que deve ao pai, em que se afasta do pai, etc. Bom, se houve um fundador, está ok, mas vamos adiante. Existe uma questão em Winnicott. É antes da sexualidade chegar? A questão da dependência não pode ser pensada em Freud. A contribuição de Winnicott é vista como um "roubo" de algo em Freud. Winnicott não desconsidera a sexualidade infantil, mas no contexto do amadurecimento a sexualidade chegará no seu devido momento. Winnicott não faz parte do grupo que teoriza as relações de objeto. Se o pianista tiver de pensar na técnica, não toca o concerto. Temos nossos *background*, mas não posso pensar ora em termos de amadurecimento, ora em termos de sexualidade, etc. Falta ler

Winnicott sem medo da originalidade.

Décio pergunta para quem. Diz que para ele sim, falta ler Winnicott.

Elza diz que falta para todos. Quando lemos para saber onde está o pai (Freud), não encontramos o próprio Winnicott.

Janete sublinha a pergunta da Camila, indagando a Elza se está vendo isso nesta reunião. Enfatiza que preo-

cupação do Conselho Editorial foi de que os artigos deste número pudessem trabalhar *com* Winnicott, como os da Eliana, do Décio, etc. São trabalhos de quem está trabalhando Winnicott, sem negar sua originalidade.

Ivone intervém para comentar que gosta do tema continuidade/descontinuidade e acha importante atravessá-lo para chegar aos outros temas. Podemos fazer como com o sintoma, ou seja, interpretar, ou então "gastar o sintoma", deixar correr até que ele se esgote.

Renato retoma a questão do Maurício Porto com a qual ficou intrigado. Lembra que Ruben havia falado de tangência. Pensa que é interessante considerar as relações epistemológicas.

Há um pêndulo que oscila entre a contidência e o formalismo. O campo em que emerge o interesse por Winnicott tem passado por grandes modificações. É importante fazer uma certa sociologia da cultura para entendê-lo. Hoje a obra de Freud já é bem conhecida e forma um referencial compartilhado. E o que vem depois? Muito do nosso debate de hoje aconteceu no tom em que ocorreu a discussão que fizemos sobre Ferenczi.

É importante levar em conta o conjunto do campo, já que a psicanálise não se organiza no vazio. Quando a "direita" era M. Klein, ser freudiano era revolucionário. É natural que os avanços de cada autor sejam na direção de suas arestas com Freud.

A acolhida a cada autor diz respeito ao que ele traz mas também as questões

do meio em que ele está. Então cada situação leva o autor a ser o *autêntico* "psicanálise tradicional" e um termo que agrupa um time de autores desde um certo ponto de vista.

Um paradigma também não surge do nada. A idéia de tangência entre eles

parece bem interessante. Em seu tempo, é bom lembrar que Winnicott não se agrupa à escola das relações de ob-

jecto. Hoje é M. Klein que já não se agrupa aí. O termo "escola das relações de objeto" é cunhado pelos americanos, que não suportavam M. Klein.

Elza concorda com Renato.

Tales reflete sobre a importância de pensar cada autor dentro da história da psicanálise e como o campo se modifica por ele. Em cada um, o gesto criativo implica a natureza do campo. Winnicott, com os objetos e fenômenos transicionais, pensa a situação analítica além da transferência e inverte o valor da onipotência originária. Nos outros autores é regressivo e em Winnicott é positivo.

Mário Fuks diz que a independência e a liberdade de Winnicott fascinam. Ele teve coragem para contestar tendências dogmatizantes e se diferenciar num campo em que havia muita criatividade. Havia um contexto próprio, como o que aconteceu com Masotta em Buenos Aires, mas em Winnicott faltam intermediários. O que seria *hoje referência* a Winnicott? Retoma a importância do que Bernardo disse sobre o que, no contexto atual, justifica a adoção de Winnicott. Será que diante da crise, do mercado, Winnicott é possibilidade de navegação solitária e independente?

Fátima Vicente assinala que ao entrar na discussão sobre Winnicott o debate perdeu a dimensão da discussão sobre os artigos e seus autores. Sentiu-se muito grata aos autores dos artigos por meio dos quais pôde notar a extrema tolerância que Winnicott tinha com

fenômenos além da clínica. Sentiu a revista como um passeio "guiado pela mão". Achou a discussão um pouco difícil, talvez por não conhecer bem o assunto e porque o tema predominante foi a *formalização do pensamento*. Ficou um pouco difícil falar de criatividade com tanta exigência de rigor. Agradece aos autores por ter podido entrar em contato com idéias que, se fosse à fonte, teria dificuldade em entender.

Loparic esclarece que o termo "psicanálise tradicional" não é xingamento mas também não é arbitrário. Em Winnicott soa como "psicanálise ortodoxa". Por outro lado, deve-se reconhecer que qualquer paradigma é dogmático quando luta pela sobrevivência. A idéia da escolha do paradigma na hora da intervenção é complicada, pois eles são conflitantes. Os autores clássicos têm o Édipo como elemento central, suas teorias são "mitos" edípicos. O bebê no colo da mãe é problema edípico e uma discussão como esta permite a explicitação da posição de Winnicott. Para os analistas tradicionais, quando se trata o paciente "estoura" o Édipo, estoura o sujeito leibniziano, do mecanismo mental, da representação e do apetite.

Em Winnicott não há relação de representação entre a mãe e o bebê. A mente surge *entre* eles. Não estão também as pulsões e as zonas erógenas. O bebê de Winnicott não é um sujeito representacional. Há diferença do ponto de partida filosófico.

Chú assinala que este número da re-

vista teve procura excepcional e que o Conselho Editorial é sempre muito respeitoso com a produção científica. Não é necessário, a seu ver, procurar justificar o clima da discussão.

Maira pede a palavra. Veio do Rio para a reunião e é prima da Sany, fazendo formação no grupo do Chaim S. Katz. Pensa que em seu artigo Sany ultrapassou (no sentido utilizado pela Eliana) certas problemáticas nas quais o psicanalista e o filósofo se detêm e nisso foi muito feliz. Quanto às questões relativas à formação, o artigo faz pensar na relação mestre-aluno dentro da formação analítica, tema que no Rio vem sendo abordado por Daniel Kuperman.

Cristina Ocariz diz que, a seu ver, não existe esta psicanálise ortodoxa ou tradicional. O princípio freudiano é da teoria em aberto, trabalhando em torno do que a

metapsicologia pode fazer a mais. Cada conceito exige explicitação e com Freud é que aprendemos a não fechá-los e a nos deixarmos interrogar pela clínica. Falar em modos de intervenção criativa não é privilégio de Winnicott. As novas sintomatologias (autismo, por exemplo) levam a pensar no sujeito antes da representação. Quanto ao Édipo na relação mãe-bebê, há várias posições e o respeito possibilita a troca de idéias entre elas. Para mim, Winnicott tomou um pedaço do que ficou aberto em Freud e o explorou.

Janete e **Renato** indagam sobre a alternativa de dar continuidade ao debate em outra oportunidade.

Loparic acha que seria interessante

discutir a possibilidade de que Winnicott seja edípico. Brinca com a idéia de que alguém refute o seu artigo.

Renato esclarece que para ele os autores não podem ser postos no mesmo plano quanto à "situação edípica". Este termo é equívoco porque encobre discussões conceituais entre quadros não superponíveis. Pergunta-se se o Édipo é um axioma ou um teorema, ou se é um organizador do amadurecimento psíquico. Numa teoria o Édipo é mais central, noutra é mais derivado. Pensa que o artigo de Loparic suscita questões mais satisfatórias do que as respostas.

Loparic diz ter usado a referência de T. Khun para delinear bem. Em Freud a psicanálise resolve problemas pré ou pós-edípicos. E Freud introduz material clínico que não cabe no recurso que ele (Loparic) utilizou.

Janete observa que a leitura deve movimentar o pensamento e não somente confirmar teses.

"A leitura deve movimentar o pensamento e não somente confirmar teses."

(Janete)

do Édipo como um paradigma.

Laurinda lembra que Winnicott distingue percepção e apercepção e ainda que criatividade e objetos transicionais abrem a possibilidade de pensar a sublimação. O texto do Daniel também aborda enigmas quanto ao que está ou não está em Winnicott e são muitas as indagações.

*Transcrição: Eliana Borges Pereira Leite
Tereza Elisete Gonçalves*

Este encarte faz parte do *Boletim* número 26, publicação interna do Departamento de Psicanálise, do Instituto Sodes Sapientiae.

Conselho Editorial: Anna Correia, Camilla Salles Gonçalves, Eva Wongstschowski, Henriette Doramideu Bucarechi e Maria de Lourdes Calceiro Costa

Edição Eletrônica e Impressão Digital: AD Central Tecnologia Gráfica Laser - Fone: 887-7782

Tiragem: 900 exemplares